

Arquivos Pessoais:

FONTES POTENCIAIS
EM BAÚS ESCONDIDOS

Vania Grim Thies
Organizadora



Criação Editora

**ARQUIVOS PESSOAIS:
FONTES POTENCIAIS EM BAÚS ESCONDIDOS**

**Organizadora:
Vania Grim Thies**

**ISBN
978-85-8413-414-4**

**EDITORACRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Esta obra foi publicada com o financiamento do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP/CAPES), destinado ao Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPel, ao qual dirigimos nosso agradecimento.



Arquivos Pessoais:

Fontes Potenciais em Baús Escondidos



Vania Grim Thies

Organizadora



Copyright 2023 by organizadores

Grafa atualizada segundo acordo ortográfico
da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico

Adilma Menezes

Capa

Alberto Alcosa

Revisão ortográfica

Lara Aguiar

Revisão das referências

Aline Herbstrith Batista (Bibliotecária UFPel)

Revisão de diagramação

Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski

Joseane Cruz Monks

Vania Grim Thies

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

T439a Thies, Vania Grim (org.).

Arquivos pessoais: fontes potenciais em baús escondidos / Organizadora: Vania Grim Thies; Diversas autoras; Prefácio de Eliane Peres. -- 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2023.

136 p.; fotografias.

E-book: PDF

ISBN 978-85-8413-414-4.

1. Arquivos Pessoais. 2. Biografia. 3. Memórias. 4. UFPel. I. Título. II. Assunto. III. Organizadora. IV. Autoras.

CDD 929.2

CDU 82-94

PREFÁCIO



Ao sair da minha terra natal pela primeira vez, levei comigo dois artefatos emblemáticos da minha formação: folhas de tabaco trançadas e a colcha de retalhos que Baba me deu quando eu era pequena. Esses dois objetos me ajudavam a lembrar da minha origem e da minha essência. Eles permanecem entre mim e a loucura do exílio, da desolação. Estão presentes em minha nova vida para me proteger da morte, para me lembrar de que sempre posso voltar para casa (BELL HOOKS, 2022, p. 43)¹.

Folhas de tabaco trançadas e uma colcha de retalhos feita pela avó... eis o que carregou consigo, como “objetos-lembança”, bell hooks ao deixar sua casa, no Kentucky, nos Estados Unidos, para começar uma nova vida em outro lugar.

Na sua belíssima obra autobiográfica, a intelectual negra estadunidense traz à memória lugares, objetos, pessoas, acontecimentos singulares. No trecho reproduzido como epígrafe, tirada do livro *Pertencimento: uma cultura do lugar*, ela refere que folhas de tabaco trançadas e a colcha de retalhos, seus “objetos-memória”, a ajudavam a lembrar da sua origem e da sua essência; que eles permaneceram entre ela e “a loucura do exílio, da desolação”, estando presentes em sua nova vida para protegê-la da morte e para lembrar de que sempre poderia voltar para casa.

¹ BELL HOOKS. **Pertencimento. Uma cultura do lugar.** Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

Lembrei-me dessa passagem (e de muitas outras da obra de bell hooks, mulher de “pertencimentos”, de objetos e de memórias) quando li os textos que compõem esta obra. Mexendo em arquivos pessoais e institucionais, em pastas de relíquias, as autoras dos capítulos deste livro, mulheres-pesquisadoras em formação, remexeram em envelopes, pastas, caixas, gavetas, malas, baús (seus e de outros) e encontraram cadernos, certificados de cursos, revistas, fotografias, objetos de costura e bordados antigos, cartões e problematizam empírica e teoricamente tais artefatos, articulado às suas pesquisas em andamento.

Resultado das leituras e das discussões feitas no *Seminário Avançado Arquivos Pessoais: sensibilidades pelos estratos do tempo*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ministrado pela professora Dra. Vania Grim Thies, em 2022, a presente obra, mais do que uma contribuição aos debates teóricos e metodológicos sobre os arquivos pessoais, é também uma contribuição à História das sensibilidades, dos objetos, da profissão docente, dos impressos, enfim, à História da Educação.

Além disso, sensibiliza para aqueles papéis, cartas, cartões, bilhetes, fotografias, álbuns, certificados, convites, diários, recortes, cadernos, enfim, para todos aqueles artefatos que guardamos em casa em nossas gavetas, baús, pastas ou caixas. Quais são “as folhas de tabaco trançadas e a colcha” que guardamos e que ajudam a lembrar da nossa origem e essência, que nos ajudam nas “loucuras do exílio” e nos momentos de “desolação”, aquilo que está presente em nossas vidas e nos “protege da morte” e nos lembra de que sempre podemos “voltar para casa”?

No “arquivamento do eu”, como refletem as autoras dos textos, muitos objetos, gestos, decisões, sensações e sentimentos são mobilizados na guarda e na preservação dos arquivos pessoais, seja

em casa, seja em instituições de guarda, como, por exemplo, o Centro de Memória e Pesquisa Hisales (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), ligado à Faculdade de Educação da UFPel, local dos encontros do *Seminário Avançado* e guardião de arquivos pessoais e escolares de professoras, estudantes e “pessoas comuns”.

Nesse sentido, é preciso relembrar que há um compromisso político e ético na guarda, por instituições públicas, de arquivos pessoais. Assim sendo, a guarda, a preservação, a problematização e a pesquisa com e desses arquivos nos remete ao direito universal à memória de todos e todas; à necessidade de tirar da deslembança “pessoas comuns”; à necessidade da preservação e da reconstrução dos passados considerados “menos importantes”; à história como valor disputado e campo de luta; à possibilidade de fazer uma história não hegemônica e dominante (via de regra, masculina e branca); à perspectiva de que a pesquisa é, também, um tributo à vida. Considero, pois, que os arquivos pessoais possibilitam esses compromissos.

Para finalizar, convido os leitores e leitoras a ler a obra e reconhecer a importância de abrir “baús escondidos”; mais do que isso, de trazê-los à Universidade, de problematizá-los na pesquisa, de torná-los “fontes potenciais” para a História da Educação. Quem sabe assim, como na poesia, todos possam dizer, como disse o poeta Pablo Neruda, em um dos versos de *A grande alegria*: “quem sabe todos vão dizer: ‘Ele é um dos nossos!’”:

Escrevo para o povo, embora não possa ler a minha poesia
com seus olhos rurais.

Virá o instante em que uma linha, o ar que agitou minha vida,
chegará aos seus ouvidos,
e então o lavrador levantará os olhos,

o mineiro sorrirá rompendo pedras,
o ferreiro suando limpará a testa,
o pescador verá com mais nitidez o brilho de um peixe que
agitando-se lhe queimará as mãos,
o mecânico, de banho tomado, perfumado do cheiro do
sabonete vai olhar meus poemas,
e quem sabe todos vão dizer: “Ele é um dos nossos!”.
Isso me basta, é a única glória que quero na vida (Pablo
Neruda, 2021, s/p)².

Assim como o poeta, considero que o trabalho com arquivos
pessoais é reconhecer-se no Outro e, acima de tudo, ser reconhecido
pelo Outro. Quiçá todas as pessoas possam olhar para nós e para
nossas pesquisas e dizer: “Ela é uma das nossas!”. Isso bastaria. Seria
mesmo a glória!

Eliane Peres

Professora Titular Aposentada da FaE/UFPel

Pelotas, agosto de 2023.

² NERUDA, Pablo. **Poemas de Pablo Neruda para jovens**. Prólogo José Morán; ilustrações Odilon Moraes; tradução Marília Garcia, 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

APRESENTAÇÃO



Este livro foi acalentado pelas discussões realizadas na disciplina Seminário Avançado Arquivos pessoais: sensibilidades pelos estratos do tempo, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (2022/2). Foi a partir do Seminário que os questionamentos suscitados durante as aulas deram lugar ao *foco* das pesquisadoras. As aulas foram ministradas no espaço do Centro de memória e pesquisa Hisales¹ (FaE/UFPel), o que facilitou a condução dos trabalhos entre os referenciais teóricos estudados e a *empiria*. Assim, sempre que necessário, caixas foram abertas para que o material disponível no acervo do Hisales pudesse servir de reflexão.

Os arquivos pessoais são *mil nadas*, aos quais refere-se Perrot (1989), à espera das indagações das investigadoras. Como docente da disciplina, fiz algumas perguntas durante as reflexões postas pelos textos lidos: O que você tem na sua casa que te inquieta? Quais os guardados da sua casa que você nunca mexeu? O que você está investigando na dissertação ou tese e que os arquivos pessoais podem lhe auxiliar a desvendar?

1 O Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres, Dra. Vania Grim Thies e Dra. Chris de Azevedo Ramil, reúne alunos de graduação e de pós-graduação, contemplando ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Atualmente três eixos são privilegiados nas investigações do Hisales: I) História da alfabetização e da escolarização; II) Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita; III) Conteúdo, visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares.

Segundo Cunha (2019), “um baú é sempre um objeto interativo: se fechado, conserva, guarda, preserva; se aberto, anuncia, mostra, dá a ver” (CUNHA, 2019, p. 111). Assim, como a metáfora do baú, Adriene, Beatriz, Joseane, Nicéia, Simôni e Vera, mulheres, pesquisadoras em formação, se desafiaram a abrir os baús na busca de fontes para problematização do tema dos arquivos pessoais, o que acabou motivando a organização da obra que se apresenta². Seis mulheres, pesquisadoras em formação que somadas a mim, a Patrícia (orientadora de Beatriz) e às autoras do prefácio e do posfácio, Eliane Peres e Maria Teresa Santos Cunha, buscaram fontes de investigação nos próprios arquivos pessoais ou buscaram arquivos de outras mulheres. Conforme afirma Perrot (2007), “organizar arquivos, conservá-los, guardá-los, tudo isso supõe uma certa relação consigo mesma, com sua própria vida, com sua memória” (PERROT, 2007, p. 30), portanto, aqui são 10 mulheres que integraram o livro e que investigaram, escreveram sobre a história de outras mulheres também responsáveis por guardar arquivos pessoais ou familiares e, assim, deram visibilidade ao que Michelle Perrot afirmou em seus estudos. Dito isso, ao longo dos capítulos, a preferência foi a de usar o termo pesquisadora ou historiadora, ou quando se fez necessário, pesquisadoras e pesquisadores.

Passarei para a breve apresentação da composição de cada um dos capítulos, abrindo os baús até então escondidos ou não abertos.

² Torna-se importante ressaltar que outros colegas que cursaram a referida disciplina optaram por dar fôlego às suas pesquisas e, também, em outras emergências impostas pela vida e seu cotidiano. A todas e todos o meu especial agradecimento, vocês foram importantes para que pudéssemos realizar uma linda disciplina!

No capítulo 1, como organizadora da obra, problematizei os registros das professoras e das crianças nos cadernos de planejamento salvaguardados no Hisales. Analisados como escritas de si, foram considerados os bilhetes produzidos pelas crianças e que estavam fixados/colados nos cadernos de planejamento. Também foram analisados os registros das docentes conforme as observações escritas em meio aos planos de aula. O estudo focou as décadas de 1980 a 2010 a partir de duas coleções dos cadernos de planejamento.

A discussão realizada no capítulo 2, por Joseane Cruz Monks, analisa certificados do arquivo pessoal da professora Iria Anni que reúne inúmeros materiais didáticos pedagógicos: trabalhos do curso de formação, os cadernos de planejamento, planos de ensino, as pastas com atividades escolares, os projetos de ensino, a produção de mais de 200 jogos, uma coletânea de registros dos alunos, fotografias das atividades realizadas em aula e cópias de certificados de palestras e oficinas ministradas. Neste conjunto, o foco está centrado na cópia de certificados das palestras e oficinas ministradas, materiais que a autora problematizou como ecos da ação profissional da professora.

No capítulo 3, a autora Simôni Costa Monteiro Gervasio segue as problematizações de um arquivo pessoal também de uma professora com o foco no conjunto de impressos pedagógicos com grande visibilidade na História da Educação do Rio Grande do Sul, a Revista do Ensino/RS. Neste capítulo, a autora discute a presença de anotações nas capas das Revistas que compõem a coleção (localizada no interior do município do Cerrito/RS), buscando compreender os vestígios possíveis e presentes no objeto de pesquisa.

Para o capítulo 4, Beatriz Hellwig Neunfeld e sua orientadora Patrícia Weiduschadt dão início à escrita estabelecendo as relações familiares com os temas de pesquisa e, posteriormente, discutem as

vivências percorridas no começo da pesquisa de doutorado de Beatriz. Dessa forma, problematizam os achados iniciais no arquivo pessoal da família Wille buscando analisar a trajetória de vida de dois professores-pastores luteranos, John Hartmeister (estadunidense) e Emílio Wille, que atuaram em São Lourenço do Sul e região, principalmente dentro das comunidades pomeranas no início do século XX.

O capítulo 5, de Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski, problematiza o uso, a preservação e o repasse dos artefatos culturais usados nas artes têxteis descrevendo o próprio arquivo de materiais, ao que a autora denominou de Pasta de Relíquias. Assim, amostras de bordado e crochê, agulhas de crochê, agulhas de tricô, uma agulha de tapeçaria acondicionada em uma caixa, toalhinhas bordadas há mais de 70 anos, rendas, a fita métrica da mãe costureira e materiais impressos sobre Colagem, Ponto Cruz, Crochê, Cestaria e Bordado ganharam nova vida, novas memórias e reflexões ao serem problematizadas.

O capítulo 6, de autoria de Nicéia Silva Mendes, retrata seu arquivo pessoal por meio da constituição do álbum de fotografias da infância, primeiramente organizada pela mãe e, posteriormente, despertando as memórias afetivas e resultando no desejo de arquivá-las em um álbum próprio para assim, futuramente, seguir a vida em uma nova família.

O capítulo 7, escrito por Vera Scotto Leite, traz a experiência de uma mãe que arquivou os cartões do Dia das Mães e outros que foram recebidos dos filhos, problematizando aspectos da memória e da organização dos arquivos pessoais.

Para finalizar, gostaria de agradecer o diálogo com as companheiras do Garpe/CNPQ (Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação), em especial às professoras Dra. Dóris Bittencourt de Almeida e a Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

Duas pesquisadoras que reverberam na produção dessa obra e que foram referência na disciplina que motivou a feitura do livro! Na esteira dos agradecimentos especiais, agradeço também às professoras Dra. Eliane Peres (fundadora do Hisales) e Dra. Chris de Azevedo Ramil, com quem divido a alegria e o cotidiano de trabalho na coordenação Hisales!

Meu carinho e reconhecimento! Obrigada!

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)arquivar**: arquivos pessoais e ego-dокументos no tempo presente. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-18, ago./set. 1989.

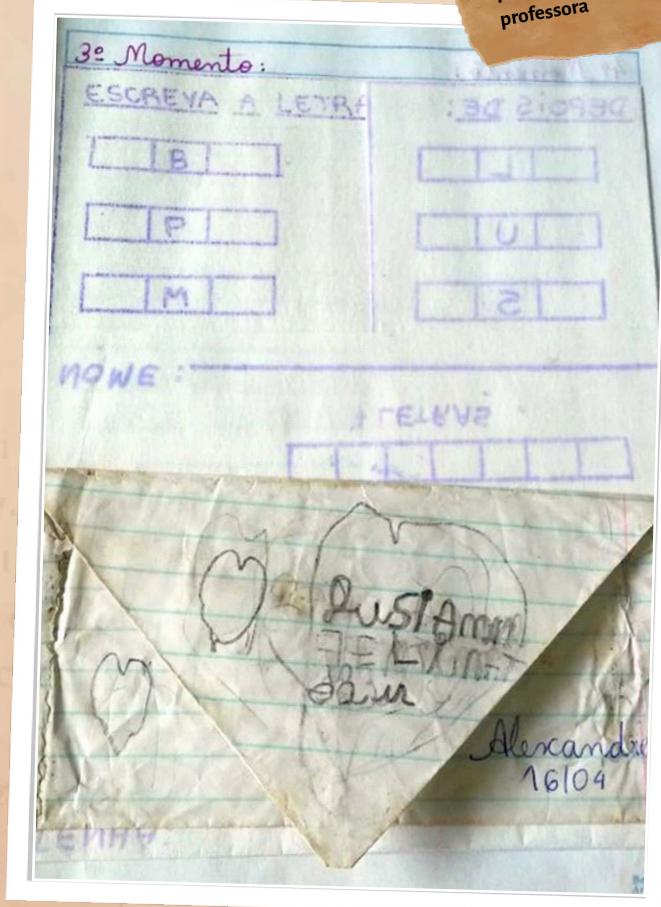
Sumário

Prefácio	5
Apresentação	9
Escritas de si (e de outros) em Cadernos de Planejamento de Professoras (1980 - 2000)	17
<i>Vania Grim Thies</i>	
Um Arquivo Pessoal e os Ecos da Ação Profissional	33
<i>Joseane Cruz Monks</i>	
O Encontro de Arquivos Pessoais e Profissionais que se tornam Arquivos de Pesquisa.....	51
<i>Simôni Costa Monteiro Gervasio</i>	
Guardados Familiares: da Guardiã das Memórias às Fotografias da Pesquisa	67
<i>Beatrix Hellwig Neunfeld</i>	
<i>Patrícia Weiduschadt</i>	

Arquivos Têxteis como Patrimônios que acionam Memórias e Discursos Feministas Contemporâneos	85
<i>Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski</i>	
Um (Des) Pretensioso Álbum de Fotografias da Infância	107
<i>Nicéia Silva Mendes</i>	
Abrindo a Caixa: Memórias de uma Mãe e o Arquivamento de Documentos Pessoais	123
<i>Vera Lucia Scotta Leite</i>	
POSFÁCIO	
Memórias guardadas, histórias construídas	134

Elaborar relatórios, preencher fichas, firmar registros, preparar aulas, realizar apontamentos são práticas cotidianas do fazer escolar que envolvem atos de escrita produzidos pelos professores ao longo de suas carreiras. Eles são resultados tanto da necessidade de testemunhar o vivido como de imposições de normas institucionais (CUNHA¹, 2007, p. 81).

Imagen: Caderno de planejamento de uma professora



Fonte: Acervo Hisales.

¹ CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In.: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

*Escrítas de si (e de outros) em Cadernos de Planejamento de Professoras (1980 - 2000)**

*Vania Grüm Thies***

* O artigo foi apresentado no X Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), em Belém do Pará, em 2019. Publicado nos Anais do evento com o título Escritos de si (e de outros) em cadernos de planejamento de professoras (1980 - 2000), foi reformulado, atualizado e ampliado para o capítulo deste livro.

** Professora da Universidade Federal de Pelotas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaE/ UFPel) e no curso de Pedagogia. Líder do grupo de pesquisa Hisales e coordenadora do Centro de memória e pesquisa Hisales (FaE/UFPel).

“E u te adoro, você é muito legal, é a professora mais brincalhona que eu conheci”¹. Um pequeno bilhete encontrado solitário junto às folhas de um caderno de planejamento de uma professora... Folhear cadernos de planejamento das professoras é um verdadeiro mistério e muitas indagações passam a povoar a historiadora da educação: quais registros escritos pelos alunos são recebidos e guardados pelas professoras? Por que elas guardam? O que elas registram em seus cadernos sobre seus alunos? Quais suas dúvidas e confidências diárias? Começamos com algumas indagações para problematizar o objeto desta investigação: os escritos de professoras e de alunos, portanto, registros de si e de outros na área da História da Educação.

O objetivo principal deste capítulo é analisar as escritas pessoais de professoras e de alunos encontradas nos cadernos de planejamento de professoras primárias do Centro de memória e pesquisa Hisales² (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - FaE/ UFPel), um arquivo pensado na perspectiva “da memória coletiva da escola, da sala de aula, do trabalho docente, das ações dos discentes, dos sujeitos, das instâncias e das agências que promovem práticas de leituras e de escritas sociais” (PERES, 2019, p. 03). Considerados como arquivos pessoais, na perspectiva de Bellotto (2006), os cadernos de planejamento das professoras são papéis ligados à vida profissional de mulheres que exercem/exerceram a docência e apresentam “interesse para a pesquisa histórica”, pois trazem a “sua própria personalidade e comportamento” (BELLOTTO, 2006, p. 256).

1 Bilhete encontrado em um caderno de planejamento de professora (CP_AI_1985_Col. 06).

2 Mais informações sobre o Hisales no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por email (grupohisales@gmail.com).

Os cadernos de planejamento do acervo do Hisales foram problematizados por Soares (2021), que em sua pesquisa de tese de doutorado em Educação, definiu os artefatos da seguinte forma:

Não são considerados documentos oficiais da escola, eles são pessoais, produtos da organização, das escolhas de procedimentos e metodologias adotadas pela professora, ou seja, pertencem a ela, sendo que a mesma pode dar o destino que considera mais apropriado ao final do período em que foram utilizados (SOARES, 2021, p. 62).

No estado do Rio Grande do Sul convencionou-se chamar esses cadernos de “diários de classe”. Contudo, a terminologia é, por vezes, confundida com os demais registros de controle da assiduidade dos alunos, o que seriam os cadernos de chamada (SOARES, 2021). Dessa forma, para evitar confusões de terminologias entre os diferentes estados brasileiros, no acervo do Hisales estão denominados como cadernos de planejamento. O trabalho leva em consideração duas tipologias desses registros nos cadernos de planejamento: das crianças e também das professoras³. Os registros das crianças indicam confidências em pequenos bilhetes destinados à professora sobre impressões de um dia de aula ou mesmo de uma atividade realizada. Demonstram também, o carinho pela docente e, por isso, são guardados (soltos ou fixados/colados) pelas professoras em meio às folhas dos cadernos de planejamento. Esses bilhetes indicam, ainda, práticas de escritas não oficiais dentro da escola, escritas não solicitadas pela professora e, muitas vezes, “não autorizadas” durante o trabalho em sala, mas escritos com o objetivo de deixar um recado motivado pelas práticas de docência das regentes educativas.

³ A palavra será utilizada no feminino no texto porque a totalidade do material analisado é de mulheres.

Para o caso dos registros das professoras, estes revelam escritas de si, sobre si e/ou sua prática, bem como a reação dos alunos em determinadas situações de aprendizagem em sala de aula. Indicam os fazeres pedagógicos, dúvidas e anseios, emoções, comportamentos e acontecimentos da prática docente. Esses registros efêmeros, conceituados de escritas ordinárias por Daniel Fabre (1993), trazem os traços do fazer cotidiano das professoras dos anos iniciais entremeados por sentimentos pessoais. Essas duas formas de registro configuram-se como os registros de si: da professora e, o registro dos outros, ou seja, das crianças e da própria professora sobre as crianças.

O trabalho está inserido no campo da História da Educação e tem como elementos metodológicos os pressupostos da História Cultural problematizando estas escritas materializadas em escassos pedaços de papéis e/ou nos cadernos de planejamento de professoras como documentos que trazem à discussão diferentes aspectos da trajetória docente. A História Cultural tem seu interesse pelo cotidiano, o pessoal, o familiar e o privado quando não pelo íntimo (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 10). Ainda no campo da História Cultural, conforme afirma Viñao Frago (2000), a história da cultura escrita cada vez mais interessa-se pelo variado mundo das escrituras marginais, efêmeras, ordinárias ou pessoais, ou seja, pela leitura e escrita como práticas sociais e culturais muito presentes no espaço escolar, mas também fora dele.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: considerações iniciais acerca da temática, problematizações em relação aos materiais encontrados nos cadernos de planejamento e, por fim, as considerações finais.

ESCRITAS DE SI (E DE OUTROS) EM CADERNOS DE PLANEJAMENTO DE PROFESSORAS

Os dados para análise foram coletados no acervo de cadernos de planejamento de professoras dos anos iniciais do Centro de memória e pesquisa Hisales (Pelotas/RS/Brasil), conforme dito anteriormente. O referido acervo abriga mais de 366 cadernos⁴ com planejamentos das atividades cotidianas previstas pelas professoras para o posterior trabalho em sala de aula.

Os cadernos sob a salvaguarda do Hisales estão registrados na ficha de catalogação individualmente quando há apenas um caderno de uma professora, ou por coleções quando há vários cadernos da mesma docente. Cada coleção agrupa vários cadernos de planejamento da mesma professora, e cada caderno recebe uma cota de catalogação (exemplo: CP_AI_2000_Col. 08 Caderno de Planejamento_Anos Iniciais_Ano 2000_Coleção da professora 08).

O foco da análise para este estudo está concentrado nos cadernos de planejamento de duas professoras, produzidos no final do século XX e início do século XXI, entre as décadas de 1980 a 2010, período no qual encontra-se o maior número de registros de escritas pessoais das docentes e das crianças nesse material. Compreendemos que os bilhetes e demais registros efetuados pelas professoras compõem um fazer pedagógico dentro das escolas e que perduram há bastante tempo, porém, nem sempre foram guardados e fixados junto aos cadernos de planejamento. De certa forma, entendemos que esse *ethos* pedagógico não era explicitado de forma material nos cadernos de planejamento das professoras. No acervo pesquisado é notório que os registros realizados pelas professoras passam a ser encontrados

⁴ Dados de março de 2023.

com maior frequência nos cadernos de planejamentos a partir dos anos 1980, mais ainda a partir do período de 1990 e 2000, período histórico no qual a teoria da psicogênese⁵ ganha maior fôlego no processo de alfabetização e as professoras passam a realizar registros sobre as práticas desenvolvidas em seus cadernos de planejamentos. A presença dos bilhetes e registros das crianças também revela as diferentes maneiras de pensar e suas tentativas de escrever.

Para a problematização dos registros, serão considerados dois grandes temas: confidências à professora por meio das escritas das crianças e os registros sobre si e para si realizados pelas professoras. Passaremos à análise descritiva do primeiro grande tema.

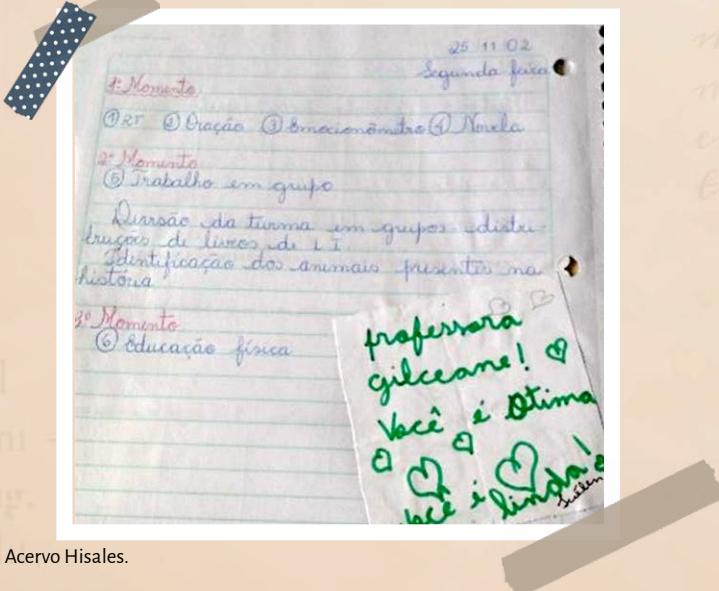
- **Confidências à professora por meio das escritas das crianças:**

Começando pelas escritas das crianças para as professoras, encontramos confidências dos alunos em pequenos bilhetes escritos sem a necessidade de comunicar esses fatos a outros, mas realizados sob a forma de confidenciar somente à mestra impressões de um dia de aula ou mesmo de uma atividade realizada. Como exemplo, o excerto que dá início a esse trabalho: “*Eu te adoro, você é muito legal, é a professora mais brincalhona que eu conheci*” (2005). Inferimos que uma das atividades realizadas pela professora (ou mesmo um comportamento desta) durante a aula despertou risos entre as crianças. Expressões como *professora eu te amo, professora eu te adoro* são as que mais aparecem nos bilhetes, os quais possuem diferentes formatos: carta, corações, flores ou um pequeno papel com desenhos. Alguns bilhetes não apresentam letras, palavras ou textos, mas os sentimentos destinados para a professora são representados pelos desenhos.

⁵ Teoria desenvolvida por Jean Piaget e, posteriormente, problematizada por Emília Ferreiro que, por muitos, foi interpretada como o método construtivista.

Na figura 1 é possível verificar um, dos vários exemplos que encontramos nos cadernos de planejamento. Muitas vezes a escrita lança os pequenos aprendizes ao desafio de traçar as primeiras letras em um conjunto de expressões distribuídas entre desenhos, letras e números.

Figura 1 - Bilhete fixado no caderno de planejamento (CP_AI_2002_C.08).



Fonte: Acervo Hisales.

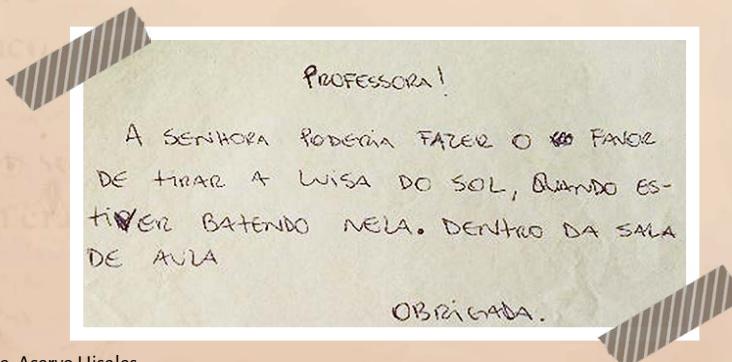
Na figura 1 percebemos que a composição entre escrita com canetas de diferentes cores, desenhos e dobras do papel é uma das maneiras que a criança expressou os sentimentos de carinho e apreço à professora: “você é ótima”; “você é linda”. Frases curtas e papéis apresentados em diferentes materialidades (coloridos ou não, em formato de corações, etc.), com escritas sucintas e fragmentadas, são reveladores de uma maneira muito rápida de comunicação, presente nas escolas dos anos iniciais. Constituem ainda, “redes de sociabilidade” a partir de papéis “aparentemente banais” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 43).

Inferimos que o nome da criança, escrito com caneta esferográfica preta diferindo-se da escrita com caneta hidrográfica verde, foi acrescentado pela professora para preservar a memória de registro do seu remetente. Entendemos que esses aspectos são as pistas da materialidade conceituada pelo historiador Roger Chartier “como a modalidade de sua inscrição na página ou de sua distribuição no objeto escrito” (CHARTIER, 2014, p. 37). O bilhete analisado ganha forma para ser lido na medida que tomamos o seu conjunto: formato, desenho e a escrita conjuntamente distribuídos no pequeno papel.

As autoras Porto, Nogueira e Michel (2009), ao analisar bilhetes na produção escrita de crianças no início da escolarização afirmam que o bilhete “corresponde a uma mensagem breve, reduzida ao essencial, tanto na forma como no conteúdo” (PORTO; NOGUEIRA; MICHEL, 2009, p. 75). Considerando que a maioria dos bilhetes são de crianças na fase inicial da escolarização, enviar bilhetes às professoras é uma forma “de criar e manter laços”, “expressar o sentimento de afeto que nutrem pela professora” (PORTO; NOGUEIRA; MICHEL, 2009, p. 75).

A figura 2 nos remete ao bilhete como forma de comunicação rápida enviado para a professora por um dos responsáveis pela criança.

Figura 2 - Bilhete encontrado entre as folhas do caderno de planejamento (2003).



Fonte: Acervo Hisales.

Esse tipo de bilhete enviado por um responsável pela criança à professora é bastante recente na História da Educação e na escolarização das crianças, demonstrando outras relações e maneiras de interação entre as famílias e a escola. Uma forma de comunicação dos responsáveis e a professora diretamente que, muitas vezes, não passa pela direção e coordenação da escola. Ainda destacamos o fato do bilhete não apresentar a assinatura de seu remetente, tamanha a confiabilidade na criança que o levaria à professora.

O segundo grande tema para a análise descrita são os registros sobre si e para si realizados pelas professoras. Vamos a ele:

- **Registros sobre si e para si realizados pela professora:**

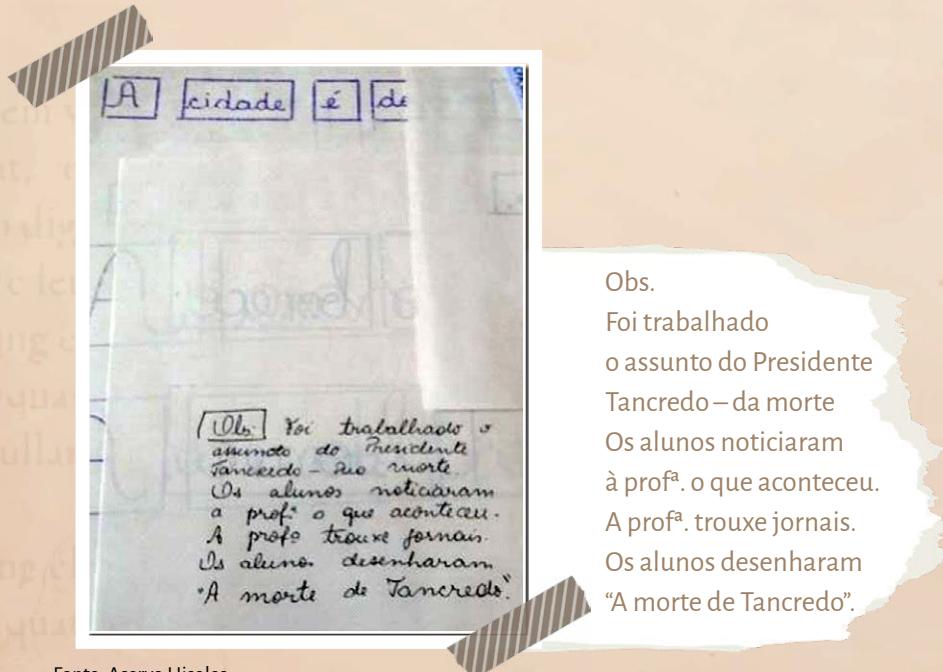
Neste tema encontramos as reflexões sobre as práticas docentes, o que para esse texto, chamamos de registros para si. Registros que descrevem fatos relevantes da aprendizagem ou das dificuldades das crianças como uma avaliação da realização do trabalho. Outra forma de registro é o que denominamos de registros sobre si que são as escritas reveladoras de emoções sobre o enfrentamento da prática cotidiana com as crianças: dúvidas, anseios e seus próprios comportamentos docentes frente aos acontecimentos da sala de aula.

Entrelaçando vida pessoal e profissional, entre o espaço público e o privado, esses registros vão constituindo uma história pessoal de si e de outros (de familiares, de alunos, entre outros). Também nos remetem a uma arqueologia da docência e da escola por outras vias silenciadas e, por vezes, esquecidas nas folhas dos cadernos de planejamento. Entendemos como arqueologia da docência um conjunto de práticas que as professoras desenvolvem durante o seu trabalho em sala de aula e que, muitas vezes, não são visíveis porque não estão registradas na documentação administrativa da escola. São

formas específicas que cada docente encontra para repensar seu fazer e deixar a memória de seu trabalho: seus pensamentos, a mudança de planejamento frente a uma novidade trazida pelos alunos.

Como exemplo de uma arqueologia da docência, a figura 3 nos remete à prática da professora frente a um acontecimento nacional, ocorrido nos anos de 1985: a morte do presidente da república Tancredo Neves⁶. O registro da professora como documento a ser analisado nos permite dizer que o trabalho foi desenvolvido com relatos e com desenhos dos alunos.

Figura 3 - Registro da prática da professora no caderno de planejamento (1985).



Fonte: Acervo Hisales.

6 Tancredo Neves foi o primeiro presidente da República eleito após o Golpe Militar de 1964. Morreu em abril de 1985, na véspera de sua posse como presidente da República, por complicações de saúde.

Percebemos a figura 3 como um exemplo de registro para si reveladora da arqueologia da docência: a professora realizou o registro de uma atividade aparentemente não programada, mas incorporada na aula a partir dos relatos das crianças sobre o acontecimento. É a partir do registro de uma atividade não programada que a professora explicita o seu fazer docente, suas percepções em relação às crianças, entre outras possibilidades. O registro é uma arqueologia da docência no momento que podemos analisar o quanto as professoras fazem, criam e recriam práticas na escola, mas para além disso, a arqueologia da docência está revelada nos registros que as docentes apresentam em seus cadernos de planejamento escrevendo diariamente de si e sobre si, revelando as minúcias do cotidiano escolar. Esses registros que denominamos arqueologia da docência não são os escritos prévios aos planejamentos de aula, mas sim são os registros posteriores ou concomitantes à aula demonstrando a atenção das professoras em relação aos acontecimentos do dia no ambiente escolar, entrelaçados de vida pessoal e profissional.

No que tange aos registros sobre si, encontramos no conjunto de cadernos de uma professora dos anos 2000, vários escritos entremeados de vida profissional e pessoal.

Selecionamos alguns exemplos encontrados:

Obs.: Tivemos problemas na entrada do José Francisco. Ele chorou dizendo que eu o havia xingado.

Por fim, também chorei, um stress...mas tudo ok, tudo se supera, à luta companheira!

Tivemos reunião das 16: h 15 às 17 h. Os alunos ficaram com a Val (CP_AI_2003_C.08).

Diferentemente de um diário íntimo, o chamado diário de classe ou caderno de planejamento, como optamos por denominar aqui,

traz o sentimento da professora reconhecido em algumas palavras pontuais, tais como “stress”, “também chorei”, “à luta companheira”. O pequeno excerto também nos instiga ao pensamento da rotina do trabalho da professora: “tivemos problema na entrada”; “tivemos reunião das 16: h 15 às 17 h.. Para quem ela estaria escrevendo? Para si e, sobre si? Para reconhecer-se? Para Cunha (2000, p. 159), “escrever sobre si mesmo tende a ser mais sincero do que quando se dirige a outrem”. Aqui, o pessoal e o profissional estão imbricados de tal maneira como se a professora estivesse frente ao espelho observando as tarefas realizadas, mas sobretudo, analisando-se em relação aos sentimentos despertados durante a docência.

No conjunto de cadernos de planejamento da mesma professora, encontramos outros registros entrelaçados do conhecer-se e reconhecer-se como docente.

Hoje a coisa não foi boa! Eu não estava legal...falta de ar, dor nas costas!

A montagem do quadro de referências não rolou c/ entusiasmo. Ficamos quase toda a tarde. O Mauri quase chorou, estava cansado daquilo... eu também!

Saíram palavras de cartilhas, o que era esperado [...] (CPA_03_2001_C.08).

O excerto faz uma avaliação da aula por meio da escrita para si e da escrita de si, reconhecendo a fragilidade da atividade da “montagem do quadro de referências”, conforme descrito no excerto. Identificamos que a professora era conhecedora dos métodos de alfabetização realizando a reflexão sobre o porquê das palavras trabalhadas terem relações com as cartilhas: “saíram palavras de cartilhas, o que era esperado”. Essa afirmação está relacionada com a reflexão “hoje a coisa não foi boa”. Sua afirmação expressa

sentimentos de momentos pessoais: “eu não estava legal”; “estava cansado daquilo...eu também!”. Entendemos aqui que a escrita cumpriu, naquele momento, “uma função terapêutica, ética e estética” (MIGNOT; BASTOS; CUNHA, 2000), ou seja, era preciso escrever a situação para desabafar e reconhecer fragilidades, olhar-se no espelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A salvaguarda dos arquivos pessoais geralmente pelas mulheres das famílias e posteriormente doados para instituições como o Hisales é o que possibilita problematizações acerca da docência, do fazer docente e das crianças. Por meio das escritas problematizadas neste capítulo, como escritas de si e de outros (das professoras sobre si, para si e sobre os outros: as crianças), podemos afirmar que as escritas ordinárias deixam os traços do fazer cotidiano, pedagógico e pessoal das docentes. Da mesma forma, as crianças deixam seus traços por meio dos bilhetes. Revelam modos de refletir sobre a própria docência e sobre o cotidiano escolar. Bilhetes com uma narrativa breve confidenciada para a professora revelam o quanto os alunos a querem bem, ou o quanto a aula foi maravilhosa. Já os registros da professora sobre si e para si nos deixam indicativos que a vida profissional do magistério revela uma arqueologia da docência, ainda pouco visibilizada na escola. São outros modos de fazer e refletir sobre a prática docente. Os registros também indicam o quanto a vida profissional está relacionada com os sentimentos pessoais da vida das professoras. Nessa arqueologia da docência, há muito ainda para ser problematizado, escrito e descoberto.

REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios de eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Territórios abertos para a História. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; De Luca, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 252-279.
- FABRE, Daniel. (org.). **Écritures ordinaires**. Paris: Centre Georges Pompidou/Bibliotheque Publique d'Information, 1993.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tecendo Educação, História, Escrita Autobiográfica. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios de eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n.11, p.40-61, jan./abr. 2006.
- PERES, Eliane Teresinha. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e067, 16 jun. 2019.
- PORTO, Caetano Gilceane; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; MICHEL, Caroline Braga. O processo de produção da escrita de crianças no início da escolarização: uma análise de bilhetes escritos para uma professora. In.: PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (org.). **Cartas de profess@ras, cartas a profess@ras**: escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

SOARES, Lucas Gonçalves. **Práticas de ler, ouvir ler e contra textos literários na escola**: uma história registrada em cadernos de planejamento de professoras das séries/anos iniciais (1962- 2017). 409 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

THIES, Vania Grim. Escritos de si (e de outros) em cadernos de planejamento de professoras (1980 - 2000). In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10., 2019, Belém do Pará. **Anais** [...]. Pará, 2019.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo: refúgio del yo, refugio de otros. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios de eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

Para a pesquisa em educação, os arquivos pessoais de educadores ou de intelectuais, cientistas e escritores que também exerceram o magistério ou se ocuparam da política educacional reúnem fontes imprescindíveis (PAULILO¹, 2023, p. 214).



Fonte: Acervo Hisales.

Imagem: Arquivo
pessoal da professora
Iria Anni Dickel de
Freitas

¹ PAULILO, André Luiz; MORAIS, Cláudia dos Reis de Souza. Pesquisa em/ com arquivos pessoais e ética. In.: ÉTICA e pesquisa em educação: subsídios. – Rio de Janeiro: ANPED, 2023. v.3

Um Arquivo Pessoal e os Ecos da Ação Profissional

*Joseane Cruz Monks**

* Graduada em Pedagogia (2014). Mestra em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (2019). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas; Pesquisadora e integrante do grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales) e do Centro de memória e pesquisa Hisales.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.¹

INTRODUÇÃO

Gesto de guardar, arquivar, faz parte do dia a dia das pessoas, algumas fazem isso com maior intensidade outras com menor. O fato é que de alguma maneira se conserva, por curtos ou longos períodos, algo que se produziu, algo que se recebeu ou até mesmo algo que se herdou, seja em envelopes, pastas, pequenas caixas em gavetas, malas nas garagens ou em sótãos. Possivelmente estes espaços conservam muitos materiais, dentre eles, papéis, cartas, bilhetes, fotografias, cadernos, certificados, cartões, convites, objetos variados que remetem aos mais diversos acontecimentos e que configuram certas materialidades selecionadas e conservadas da vida cotidiana.

Ao guardar determinados objetos se preserva, para além da materialidade, uma certa memória, um certo instante captado do tempo, para que outrora se possa comprovar, relembrar, olhar, mirar, admirar. Esse gesto de guardar e arquivar pode revelar aspectos individuais, intimamente pessoais, relativos a situações específicas, como pode também remeter a certa coletividade social e cultural inscrita nas materialidades e/ou na representação dos artefatos, bem como nos conteúdos que mencionam.

Na organização de um arquivo pessoal, cada sujeito estabelece escolhas e regras distintas, pois como destaca Artières (1998, p. 11), “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existên-

¹ Excerto do Poema Guardar de Antônio Cícero. Disponível em <https://www.tudoepoema.com.br/antonio-cicero-guardar/>. Acesso em 04 de dez. de 2022.

cia: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens". Essas escolhas revelam, de certa forma, como menciona Antônio Cícero (2022), no poema de epígrafe, a maneira que se quer ser lembrado e/ou iluminado pelos guardados.

Um arquivo pessoal se caracteriza por salvaguardar aspectos da vida cotidiana, tanto na sua singularidade como na pluralidade, diz respeito a fatos inéditos ou àqueles que se repetem quase que cotidianamente, mas que representam algo de importante para quem escolhe preservar.

Do amplo conjunto de possibilidades que se pode selecionar para organização e conservação de um arquivo, se constata pelas pesquisas de autores como Artières (1998; 2013), Cunha (2007), Cox (2017) e Almeida (2021) que os materiais compostos por registros escritos são numerosos neste contexto, embora não únicos, pois os arquivos pessoais são constituídos por uma infinidade de objetos e documentos de ordens distintas, afinal "Arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício" (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

E, ao entregar-se a esse exercício, acaba por contribuir com a produção, organização e guarda de fontes históricas, pois esse emaranhado de documentos que arquivam a própria vida do sujeito "pode fornecer informações e indícios sobre práticas cotidianas expressas em hábitos, costumes e representações de uma época" (CUNHA, 2007, p. 45).

A prática deste exercício de arquivamento é plural. Os sujeitos que as produzem têm diferentes formas de selecionar e organizar esse determinado compilado de materiais: antigas malas, caixas e conjuntos enlaçados com fitas apresentam as separações definidas, por temáticas, eventos e ou materialidades afins, con-

figurando após abertura da mala e a leitura dos arquivos o “desvelamento do que foi subtraído para ser conservado” (ARTIÈRES, 2013, p. 45).

Logo, é nesse contexto que tais práticas e objetos de arquivamento despertaram interesse em pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas, em especial as historiadoras e aos historiadores, pois se entende que estes arquivos são potentes para compreender aspectos culturais, sociais e de memória, pois, mesmo assumindo uma forma fragmentada do espaço/tempo, possibilitam realizar inúmeras interlocuções.

Segundo Gomes (2004), os arquivos de âmbito privado, sejam eles produzidos por mulheres e homens de notoriedade ou por homens e mulheres comuns, precisam ser necessariamente recolhidos, organizados, interpretados e socializados, como fontes para as pesquisas históricas, aspecto que tem contribuído, ainda segundo a autora, com a divulgação e a manutenção de instituições de guarda de arquivos privados.

Neste sentido, considerando os arquivos privados como fontes históricas, a investigação proposta² centrou atenção em um arquivo pessoal com características de composição bastante diversa, pois se constitui de documentos elaborados na e para ação docente. Este foi elaborado e pertenceu a uma professora primária que atuou por mais de quarenta anos, em escolas multisseriadas³, da região sul do Rio Grande do Sul. A referida professora salvaguardou/arquivou seus

2 O estudo faz parte da pesquisa de tese em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Profa. Dra. Vania Grim Thies.

3 As escolas multisseriadas são aquelas em que a professora atende simultaneamente, na mesma sala de aula, diferentes séries e/ou anos. E também desempenham, para além das funções pedagógicas, as tarefas administrativas/burocráticas e de manutenção (limpeza e merenda).

pertences estruturando determinada prática de fazer e com certa sistematização (modo) de arquivamento.

Nesse processo guardou inúmeros materiais didáticos pedagógicos, como por exemplo: trabalhos do curso de formação, os cadernos de planejamento, planos de ensino, as pastas com atividades escolares, os projetos de ensino, a produção de mais de 200 jogos, uma coletânea de registros dos alunos, fotografias das atividades realizadas em aula e cópias de certificados de palestras e oficinas ministradas.

Dessa forma, observa-se uma prática de arquivamento peculiar que é indicativa da atuação e do campo profissional da arquivadora, que reflete em certa medida o exposto anteriormente, pois se percebe determinada prática de arquivamento e modos de organização empreendidos que se pode estabelecer como característicos das professoras e professores, em especial aos que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar a pluralidade deste arquivo pessoal indicando as materialidades que o compõem e refletindo sobre como esses artefatos podem alicerçar determinada narrativa profissional e pessoal centrando as reflexões nos certificados de palestras e oficinas realizadas pela professora.

A DESCRIÇÃO DA MATERIALIDADE DO ARQUIVO

O arquivo selecionado foi produzido e guardado inicialmente no âmbito privado da professora, pois refere-se à produção dos materiais didáticos pedagógicos utilizados por uma docente de escolas multisseriadas, que atuou no período entre os anos de 1972 e 2019. No ano de 2020, este passou a compor o âmbito público (MENEZES, 1998) e institucional, quando a professora realizou a doação desta

coletânea ao Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares Hisales⁴.

O referido centro se caracteriza como um arquivo especializado e um “lugar de memória coletiva da infância escolarizada, da docência da escola primária/anos iniciais e das práticas sociais e escolares de leitura e de escrita” (PERES, 2019, p. 2). Sendo assim, esse espaço salvaguarda inúmeros artefatos e documentos que englobam as temáticas mencionadas e que constituíram, em tempos pretéritos, os arquivos pessoais, familiares e/ou institucionais entre os anos iniciais do século XX até os dias atuais, configurando-se como exponencial local de guarda e conservação de fontes documentais para pesquisas históricas.

O arquivo privado da professora é plural e característico da atuação escolar, foi salvaguardado no Hisales como fundo documental, recebendo como identificação o nome da docente que o produziu, Fundo Documental Professora Iria Anni Dickel de Freitas⁵. O fundo é composto por aproximadamente 400 artefatos entre jogos, cadernos de planejamento, caderno de música, pastas de atividades, trabalhos do curso de formação (magistério), atividades de alunos, certificados, fotografias, livros, entre outros objetos. E, como salienta Cox (2017), referindo-se aos atributos de conservação que muitos arquivos apresentam “velhos e embolorados”, o material selecionado, na sua maioria, não se encaixa nesta descrição. Ao contrário, apresenta excelente estado de conservação, com desgaste e danificações comuns causadas pelo tempo, pela manipulação das crianças e da professora na ação pedagógica, como exemplo: algumas marcações

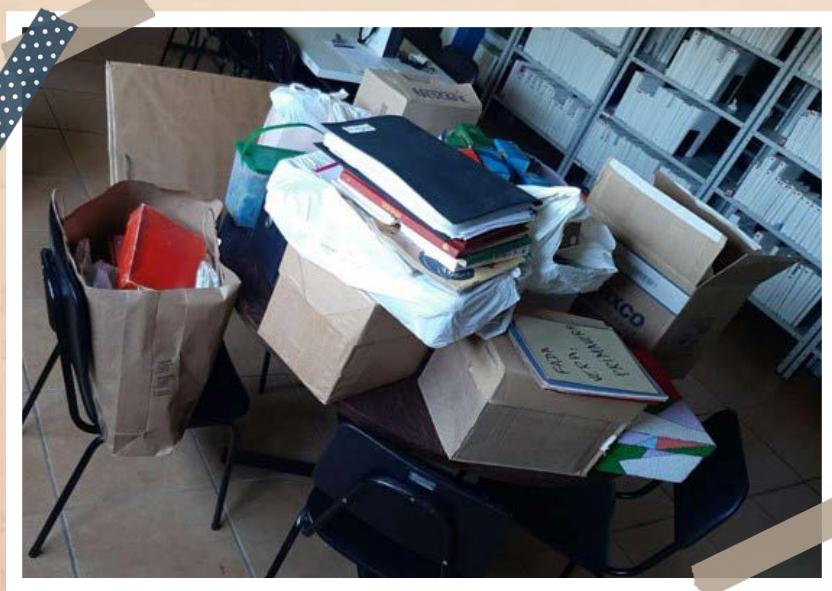
4 Mais informações sobre o Hisales no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por email (grupohisales@gmail.com).

5 A denominação do fundo documental consta com anuência da própria professora e também com a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas.

com datas e indicação de série, registros escritos com lápis pelos alunos, bordas amassadas e dobradas, que configuram-se como indícios de uso dos materiais.

As características de conservação podem ser observadas na Figura 1 a seguir, que ilustra o momento da chegada dos materiais em janeiro do ano de 2020 no Hisales. Atentando-se às escolhas e aos modos de arquivamento, foram organizados em diferentes caixas, pastas e sacolas, e estão em bom estado de conservação, aspecto que privilegia o estudo e o trato com os documentos, bem como o processo de higienização, acondicionamento e salvaguarda.

Figura 1 - Doação do arquivo.



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora.

A conservação do acervo, por sua vez, pode direcionar a reflexão sobre os aspectos relativos a uma prática de arquivamento pri-

morosa e cuidadosa, revelando o quanto importante é aquele material para quem o guardou, e em especial, neste caso, para quem o produziu e o utilizou ao longo dos 47 anos de docência. Logo, contempla singularidades e sensibilidades da vida profissional, pois,

O que se deseja é, por meio dos documentos guardados que expressam formas particulares de ver o mundo, identificar núcleos narrativos, apreender motivações, valores, representações (ALMEIDA, 2021, p. 44).

O arquivo em questão permite identificar de forma muito evidente o núcleo narrativo de âmbito profissional, pois os documentos remetem ao trabalho desenvolvido em sala de aula e à formação docente. Se observa a forma comprometida com a qual a professora elaborava os materiais, estando atenta aos contextos infantis, transferindo ludicidade à forma de trabalhar os conteúdos escolares, expondo pelo seu arquivamento determinados saberes docentes, uma representação da cultura material escolar e das práticas pedagógicas.

Assim,

Isso nos habilita a perceber os documentos preservados nos Arquivos pessoais de professores da educação básica, considerando as suas especificidades e avaliando o seu valor como materialização de um complexo trabalho de mediação intelectual, original e criativo (XAVIER; ROBERT, 2021, p. 4).

Pela materialidade do arquivo pode-se verificar determinada prática de produção, uma produção artesanal, na qual as ações de escrita, recortes e colagens são evidenciadas, inúmeras possibilidades de problematização poderiam ser realizadas. Logo, selecionou-se os certificados de oficinas e palestras que comprovam o engajamen-

to da referida professora com a temática de produção de materiais pedagógicos alternativos, ou seja, aqueles produzidos pela própria professora, sem a industrialização.

UMA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO: EM DESTAQUE OS CERTIFICADOS

Na perspectiva historiográfica, os arquivos pessoais assumem como uma de suas funções a guarda de “traços do passado” (ALMEIDA, 2021), traços de uma vida cotidiana e dos afazeres diários. Na composição destes arquivos, como destacam as pesquisas de Artières (1998; 2013), Cunha (2007), Cox (2017), Almeida (2021), Thies (2021), Xavier; Robert (2021), inúmeros e diversos artefatos estão presentes, pois são reflexos de vivências singulares que salvaguardam os objetos como símbolos de memórias e permitem vínculo interpretativo com o passado.

Também pelas pesquisas mencionadas foi possível perceber que os objetos que constituem esses arquivos acabam indicando eventos que são muitas vezes comuns aos sujeitos, como por exemplo, aspectos da vida cotidiana registradas em diários, cartas, recortes de jornais, bem como objetos que remetam ao período de escolarização, entre outros, que poderiam ser mencionados. Logo, é preciso relembrar que alguns arquivos contemplam certa excen-tricidade, como destaca Artières (2013), “um saquinho de terra” e/ ou um “maço de cabelos”, assim entende-se que “Arquivos contem-plam diferentes espaços de experiência, sedimentados em sobre-posições de tempos que correspondem ao passado e ao presente” (ALMEIDA, 2021, p. 21).

Destarte, é possível observar em muitos arquivos privados a presença de objetos que foram utilizados nos contextos escolares,

como por exemplo, livros de alfabetização, cadernos escolares, boletins, estojos, lembranças e bilhetes de professores entre tantas outras possibilidades, aspecto que permite certas aproximações e interpretações.

E, quando o arquivo privado contempla a própria vida na escola? Quais problematizações e reflexões poderiam ser elaboradas? Como o historiador coteja e articula as fontes? Quais seriam as possibilidades interpretativas? Certamente muitas! No entanto, como destaca Gomes (1998), é necessário que o historiador seja atento e vigilante ao encantamento que o arquivo pode despertar como fonte histórica.

Nesse sentido, as autoras Almeida (2021) e Xavier; Robert (2021) direcionam para algumas possibilidades que contribuíram para organização deste capítulo. No primeiro caso, a autora ao elaborar o livro *Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação* nos presenteia com uma belíssima vivência de gestão, manutenção e problematizações acerca da prática arquivística e das possibilidades investigativas com distintos arquivos contemplando os mais diversos materiais como agendas, anotações variadas, cadernos de professores universitários.

No segundo caso, as autoras Xavier; Robert (2021), no artigo - Arquivos pessoais de professores o que guardam e o que nos dizem? - exemplificam o trabalho realizado com o arquivo pessoal de um professor da rede básica de ensino, contemplando a natureza do arquivo, descrevendo o conteúdo, articulam características pessoais e profissionais do professor e destacam os desafios de organização e de pesquisa com essas fontes documentais.

Os materiais produzidos pelas autoras são indicativos da importância de operacionalizar com esses arquivos, primeiro com os movimentos de salvaguarda e em seguida com as possibilidades analíticas e metodológicas que contemplem a abordagem interpre-

tativa com estas fontes históricas. Assim, a “documentação com arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes” (GOMES, 1998, p. 125).

Assim, tem-se noção do desafio que representa selecionar parte de um arquivo pessoal para reflexão, logo comprehende-se a importância de investir nesse exercício, para tal escolheu-se as photocópias dos certificados. Estes indicam a realização de palestras e oficinas ministradas pela professora, bem como trazem inscritos aspectos da prática pedagógica desenvolvida, pois,

Ao iluminarmos esses papéis ‘ordinários’, podemos pensar na importância de uma memória de papel para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades como ponto de partida para reinventar outros presentes (CUNHA, 2019, p. 24).

Nos certificados fotocopiados que constituem esse arquivo, fica evidente que a proposta educativa da professora era pautada na ludicidade, pois todos eles remetem às oficinas e palestras que ministrou abordando esta temática em diferentes escolas e cidades da região sul do Rio Grande do Sul.

Um dado, sob o qual se pode refletir, faz menção à doação ao Hisales apenas das photocópias dos certificados e não de seus documentos originais. Este aspecto destaca a importância destes documentos comprobatórios na e da atividade profissional docente que, ao doar para uma instituição de salvaguarda, realizou a doação apenas das photocópias para que permanecesse sob sua guarda pessoal os certificados originais.

Segundo Cox (2017), estes documentos apresentam aspectos da profissionalização, pois representam o percurso profissional dos

sujeitos. E, como certificação, legitimam a dimensão profissional e são muitas vezes guardados com a finalidade de comprovar em diferentes instâncias sociais quais habilidades e atividades se está apto a desenvolver. Podem revelar aspectos da trajetória de vida do sujeito, pois ao serem revisitados podem despertar memórias, sentidos e representação de algo vivido.

Constituem pistas das escolhas, dos caminhos trilhados tanto na edificação do saber profissional quanto das relações e vivências sociais e culturais de cada um. Ao reler um certificado que mencione o curso, o palestrante pode-se reportar pela memória tanto ao evento, como também às pessoas que nele estavam, às aprendizagens e às emoções experienciadas.

Os sete (7) certificados catalogados no Fundo Documental Professora Iria Anni Dickel de Freitas compõem a coletânea Projeto Ludomania e Diversão - Aprendizagem e datam do período 1997 a 2001, contemplam atuação da professora em oficinas e palestras que abordam a produção de jogos educativos com sucata/materiais recicláveis. A seguir, no Quadro 1, a identificação dos certificados indicando ano, a atividade, localidade de realização.

Quadro 1 - Descrição dos certificados

Ano	Atividade	Cidade
1997	Oficina de jogos didáticos	Pelotas
1998	Oficina pedagógica jogos educativos	Rio Grande
1998	Palestra Reciclar para educar: produzindo em oficinas	Rio Grande
1999	Oficina jogos pedagógicos do jardim a quarta série	Rio Grande
1999	Palestra O trabalho com sucata	Rio Grande
2001	Oficinas lúdicas	Pelotas
2001	Parecer	Rio Grande

Fonte: Organização da autora.

Como se observa nos dados do quadro 1, as palestras e oficinas circundam a elaboração de materiais didáticos e pedagógicos a partir de sucata, aspecto facilmente compreendido quando se coteja a totalidade do fundo documental, pois se verifica essa potencialidade e habilidade no grande número de jogos e atividades por ela organizados e produzidos.

Em um dos certificados do ano de 2001, que contempla a avaliação de um coordenador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Rio Grande/ Rio Grande do Sul, sobre a prática pedagógica da professora, se identifica o reconhecimento e a valorização do trabalho realizado. O registro afirma:

Sempre é um prazer falar do trabalho pedagógico da professora Iria Anni Dickel de Freitas, visto a mesma acreditar nas possibilidades de romper com paradigmas dominantes e investir em uma proposta inovadora. Quando se fala em professora Iria é difícil dissociar teoria e prática, pois seu trabalho é todo voltado à praticidade, ao lúdico.

Por conhecer sua ação pedagógica, posso, nesse momento, afirmar que nossas escolas precisam urgentemente de educadores como a professora acima citada (Certificado 03/08/2001).

No certificado, de 07 outubro de 1998, há referência à “qualidade do trabalho desenvolvido” e a indicação de que “Profissionais como esta colega valorizam a nossa categoria, demonstrando que o ato de educar também pode ser prazeroso e produtivo”.

Esses certificados, para além de comprovarem a atuação da professora em diferentes contextos, expressam a organização de uma rede de compartilhamento de saberes e experiências com os

pares, pois as palestras e oficinas foram ministradas para grupos de professores de outras escolas e redes educativas.

Outra problematização pode ser realizada ao relacionar o período de atuação da professora (47 anos) e a temporalidade dos certificados. Percebe-se pelas datas dos certificados maior incidência entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, logo sob esse cenário há possibilidades a refletir, poderia estar ligado às gestões administrativas das secretarias de educação, por exemplo, que valorizavam com maior ou menor intensidade a práticas das professoras.

Sobre outra perspectiva, se consideraria a própria consolidação da experiência da professora, no que remete tanto à produção dos materiais quanto à prática pedagógica experienciada, vivenciada e compartilhada. Tem-se como hipótese que esses dois fatores estão interligados, pois para constituir uma prática pedagógica com resultados positivos, pautada em jogos e materiais alternativos, é preciso considerar inúmeros elementos, e o tempo de atuação é um deles, assim quando essa prática se consolida de forma satisfatória ela pode e deve ser compartilhada entre os pares, configurando a partilha da cultura empírica da escola, segundo Escolano Benito (2017). Essa possibilidade interpretativa, considerando os certificados de forma mais evidenciada, não se dá isolada do restante do acervo, pois como num quebra-cabeça, cada peça que se encaixa vai descortinando e ampliando o cenário.

Refletir sobre os certificados faz com que se retorne a ação da guarda, ou como refere Artières (1998) prática de arquivamento, que indicariam para a forma como a professora gostaria de ser lembrada, ou pela forma como esses documentos certificam algo que fez, legitimando a atuação e o reconhecimento profissional, afinal, “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES,

1998, p.11). O arquivamento desses inúmeros documentos, dentre eles, os certificados, revela explicitamente uma trajetória profissional, ou seja, a esfera social de inserção e atuação da professora, mas também elementos íntimos, pois ao guardar, seleciona-se, escolhe-se e determina-se como ser lembrado. Essas ações e intenções em consonância caracterizam a prática de arquivar-se.

Por fim, o fato é que o arquivo descrito, no qual se centrou atenção aos certificados, permite inúmeras reflexões que não se esgotam neste texto, pois concorda-se com Almeida (2020) quando diz que:

Assim, acredito que os velhos papéis não interessam apenas pelas informações que contém, poder manuseá-los é uma importante experiência sensorial para aquele que se dedica à pesquisa (ALMEIDA, 2021, p.14).

Manusear e refletir sobre esse arquivo pessoal composto por inúmeros papéis velhos está se configurando como uma experiência desafiadora, na qual se reconhece as potencialidades, se convive com inquietações e se busca apreender possibilidades de interlocução dos materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mirar o arquivo pessoal da professora doado ao Hisales, que passa com a doação do âmbito privado para o institucional, se observa que os materiais auxiliam a compreender determinada narrativa da trajetória docente. Uma narrativa que tem como narrador inicial a pessoa que elaborou, selecionou e organizou a coleção expondo uma determinada prática de arquivamento. A partir da doação a forma como, posteriormente, o pesquisador e historiador irá propor os novos arranjos vão se constituindo a cada leitura e a cada análise do material tendo como base diferentes campos teóricos e/ou metodológicos.

A composição do arquivo assinala que a professora desempenhou com dedicação e com domínio de conhecimentos específicos os materiais que, agora, compõem o fundo. Neste sentido, os documentos cotejados no capítulo, quais sejam os certificados, em interconexão com os demais artefatos do fundo documental, indicam que essa produção circulou em diferentes âmbitos escolares. Primeiro no contexto de atuação da professora, ou seja, em sua prática cotidiana de sala de aula, nas escolas e com as turmas com as quais atuou; e em um segundo momento a circulação perpassa os espaços institucionais de troca e partilha de conhecimentos entre os pares, constituindo uma rede de compartilhamento de práticas e experiências pedagógicas.

Pelas características do arquivo pessoal analisado, entende-se que este permite adentrar um tempo pretérito da vida, do contexto escolar, das práticas e dos modos de fazer que acompanharam a professora durante a ação docente. De fato, é possível identificar uma narrativa que corresponde a mais de quatro décadas de atuação, que reverbera sobre a docência vivenciada, produzida e praticada por esta professora explicitada na e pela prática de arquivamento dos documentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021. 164 p. Disponível em: <https://www.editoraletra1.com.br/epub>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In.: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN,

Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências e pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)arquivar**: arquivos pessoais e ego-dокументos no tempo presente. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Do baú ao arquivo**: escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/issue/view/1/showToc>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Tradução e revisão técnica Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069/1208>. Acesso em: 01 maio. 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.89-103, 1998.

PERES, Eliane Teresinha. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e067, 16 jun. 2019.

THIES, Vania Grim. Uma mala, um arquivo: escritas ordinárias em cadernos de usos não escolares. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. e047, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/63326>. Acesso em: 31 maio 2023.

XAVIER, Libânia Nacif.; ROBERT, Mychelle Nelly Maia. Arquivos pessoais de professores: o que guardam e o que nos dizem? **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. e045, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/63324>. Acesso em: 31 maio 2023.

Ascapas da revista também servem para registrar os desenvolvimentos de atividades sugeridas em seu interior. Nesse sentido, a revista opera um destaque para o seu conteúdo e seu valor pedagógico, reafirmando ao leitor a possibilidade prática daquilo que publica (BASTOS, LEMOS, BUSNELLO¹, 2007, p. 57).



Fonte: Arquivo de Simôni Costa Monteiro Gervasi.

¹ BASTOS, Maria Helena, Camara; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A Pedagogia da Ilustração: uma face do impresso. In.: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007.

O Encontro de Arquivos Pessoais e Profissionais que se tornam Arquivos de Pesquisa

*Simôni Costa Monteiro Gervasio**

* Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-graduação em Educação. Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação. E-mail: simoni.cm87@gmail.com.

INTRODUÇÃO

a discussão apresentada neste artigo parte da ampliação da compreensão sobre o conceito de fonte promovida a partir dos estudos da História Cultural (CHARTIER 1989, BURKE, 2005). Somam-se a ela os interesses de pesquisadoras e pesquisadores do campo da História da Educação por objetos pessoais que preservam memórias, e ao desejo pessoal e particular de muitos por guardar o que passou a demonstrar a potencialidade de escritos (em formas de cartas, cadernos, cadernetas, anotações, livros, listas, etc.), pertencentes à temática dos arquivos pessoais, e potencialmente capazes de servir como fonte e objeto para investigações históricas de diversas naturezas.

Neste mesmo sentido, o contato com arquivos pessoais permite ao pesquisador investigações sobre a vida privada e, ao mesmo tempo, pública, do investigado na medida em que demonstram pequenos detalhes da vida cotidiana em sociedade e no trabalho. De forma direta, pesquisas realizadas a partir da base documental dos acervos pessoais proporcionam o contato com frações íntimas da história e da memória dos personagens. E, aqui, se faz a primeira ressalva a respeito da necessidade de análise e compreensão sobre tipos de arquivos (se pessoais ou profissionais), uma vez que, em alguns casos, quem arquiva sobre si está ao mesmo tempo arquivando sobre o seu cotidiano de trabalho, como práticas indissociáveis, mas que possuem aspectos diferentes e que precisam ser consideradas durante a análise dos materiais.

Desse modo, optou-se por problematizar uma coleção de Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul¹, localizada ao acaso, no interior do município de Cerrito/RS e que pertenceu à professora Zilda Pesce e cedida para a pesquisa² por sua filha Carmem. O objetivo deste artigo é, então, discutir a presença de anotações nas capas das Revistas que compõem a coleção localizada buscando compreender os vestígios possíveis e presentes no objeto de pesquisa, que pode ser entendido como um arquivo pessoal, de trabalho e que, na medida em que é cedido para a pesquisa acadêmica e passa a ser salvaguardado por uma universidade, passa a ser um arquivo de pesquisa.

-
- 1 A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul foi publicada no período de 1951 a 1994, sendo um veículo de orientações didático-pedagógicas direcionadas ao magistério, reconhecida pela ampla oferta de material como planos de aula, sugestões de atividades, artigos sobre educação e ensino e a proposta de troca de informações entre os professores/leitores. A Revista surge por iniciativa da Professora Maria de Lourdes Castal e, durante toda a sua trajetória histórica, manteve mulheres em sua direção e redação. A Revista intercalou entre períodos de ampla circulação e de maiores dificuldades, principalmente financeiras, tendo sido, inclusive, encampada pelo governo do Estado, por meio da Secretaria de Educação e Cultura, ficando no período subordinada ao Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE/RS). Por sua qualidade editorial, de produção e circulação, a RE/RS é historicamente reconhecida como um dos principais veículos de orientação educacional que esteve em circulação, sendo alvo de inúmeros estudos de pesquisadoras e pesquisadores de todo o Brasil. Várias coleções da RE/RS estão disponíveis para consulta e, dentre delas, destaca-se a disponibilidade das versões digitais de boa parte da coleção que está disponível no Repositório Digital Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). O Centro de Documentação (Cedoc) pertencente ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, também possui uma grande coleção de edições da RE/RS, estando à disposição para consulta e pesquisa. O Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales), órgão complementar da FaE/ UFPel, também possui a coleção de Revistas disponíveis para consulta.
 - 2 Na época em que as Revistas foram localizadas, a pesquisa em andamento era de mestrado, realizada na Unipampa, campus Bagé, e tendo a Revista do Ensino como fonte e objeto. Atualmente, outra pesquisa está em andamento, desta vez de doutorado em Educação na UFPel, tendo a Revista do Ensino novamente como fonte de investigação.

O ENCONTRO COM OS VESTÍGIOS

O trabalho do historiador depende, em grande medida, dos vestígios do passado preservados, sejam eles as memórias ou os objetos que ajudam a narrar as histórias em investigação. Sendo assim, não raras são as histórias dos encontros ao acaso entre pesquisadoras e seus objetos e fontes de pesquisa, que, subestimados por quem detém a sua salvaguarda, não são adequadamente preservados e valorizados.

Os objetos em análise neste artigo (algumas edições da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul pertencentes à coleção da professora Zilda Pesce) foram localizados em um contexto que vale a pena ser lembrado pela história que compõe e que ajuda a compreender alguns dos riscos que se enfrenta quando não há conscientização ou conhecimento sobre o potencial destes materiais.

Tal coleção foi localizada em uma comunidade do interior do município de Cerrito/RS, chamada Vila Freire, após a realização de uma formação sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na E.E.E.M. Dr. Jaime Faria a pedido da coordenação do Mestrado Acadêmico em Ensino (MAE) da Unipampa³, campus Bagé, para integração dos alunos do MAE com a comunidade. Na oportunidade, ainda durante a apresentação das mestrandas que foram até à escola para participar da formação sobre a BNCC, após o relato de pesquisa

³ A pedido da coordenação do Mestrado Acadêmico em Ensino da Unipampa, campus Bagé, um grupo formado por quatro mestrandas executou uma formação sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na escola E.E.E.M. Dr. Jaime Faria com os professores. A atividade ocorreu no dia 14 de setembro de 2018 como uma forma de aproximação da universidade e da escola, e ainda como um espaço de formação continuada para os professores da escola a partir da disponibilidade das mestrandas que participaram da ação, integrando universidade à escola, com o trabalho que estava em voga no período, uma vez que a BNCC da educação infantil e ensino fundamental havia sido lançada poucos meses antes e, para os próximos meses, a BNCC do ensino médio era aguardada.

a partir da Revista do Ensino, uma das professoras participantes levantou a mão e informou possuir algumas edições da Revista em sua casa, pois a sua mãe, também professora, costumava utilizar o material para a sua prática cotidiana na escola. Após a finalização da formação, a professora foi questionada se poderia emprestar⁴ a coleção de Revistas para que elas fossem organizadas e digitalizadas para serem disponibilizadas no Repositório Digital Tatu⁵.

Figura 1 - Fotografia da E.E.E.M. Dr Jaime Faria, produzida no dia da formação, em 14 de setembro de 2018.



Fonte: Autora (2022).

4 Mesmo que, inicialmente, as Revistas, cartilhas e livros tenham sido entregues para a pesquisadora em forma de empréstimo, quando o trabalho de digitalização foi concluído e se buscou devolver os materiais, via contato prévio pelo aplicativo WhatsApp, não se obteve resposta. Tal fato pode demonstrar que, embora inicialmente houvesse um apego ao material, talvez inclusive de caráter emotivo, logo que ele foi embora, abrindo espaço e estando salvaguardado por uma instituição de ensino, não houve reação para a retomada da sua posse.

5 Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>. É uma prática habitual dos integrantes do repositório, quando se deparar com um documento histórico, oferecer ao proprietário dos documentos a possibilidade de empréstimo do original para organização, catalogação, limpeza, digitalização e disponibilização no site como uma forma de criar uma versão digital do documento e, assim, contribuir com a sua preservação e divulgação.

De imediato, a resposta foi positiva e, durante o caminho de volta para casa, foi realizada uma parada na casa da professora para a busca dos impressos. Lá, o cenário foi semelhante a muitas outras histórias contadas por historiadoras e historiadores quando há o encontro com seus objetos e fontes de pesquisa: um quarto escuro, úmido, nos fundos, com muito material espalhado pelo chão. De lá, foi retirado tudo o que foi possível carregar, incluindo Revistas do Ensino, cartilhas e outros pequenos livros.

Figura 2 - Fotografia da coleção de Revistas no dia do recebimento do material.

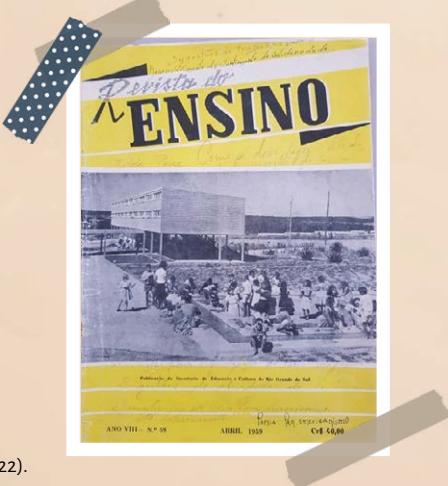


Fonte: Autora (2022).

No total, foram encontradas 22 Revistas do Ensino/RS, sete cartilhas e dois livros de literatura. Na oportunidade, não foi possível coletar mais informações sobre a professora que foi a proprietária e usuária das Revistas, pois havia falecido há poucos meses. O que se sabe é que se tratava de uma professora de séries iniciais que usava a Revista do Ensino em sua prática e que tinha por hábito fazer pequenas anotações nas capas da Revista ou em pequenos pedaços de papel sobre

os aspectos que mais chamavam a sua atenção em cada edição. Também é possível perceber que ela possuía o hábito de assinar as Revistas e, em algumas edições, nota-se a presença de duas caligrafias diferentes, e de anotações feitas a lápis e caneta (preta ou vermelha), o que pode indicar que as Revistas eram emprestadas ou compartilhadas com outros professores de seu círculo de trabalho escolar.

Figura 3 - Fotografia da capa da edição de abril de 1959 com a presença da assinatura da professora e dois tipos de caligrafia.



Fonte: Autora (2022).

Outro dado inicial é que nem todas as Revistas possuem anotações, mas sempre que há, elas estão feitas na capa, podendo indicar que a professora usava tal estratégia como um lembrete da presença de conteúdos que lhe interessavam para os planejamentos de aula. Para uma melhor compreensão dos registros nas capas dos impressos foram organizados dois quadros com observações: no quadro 1 estão as Revistas sem anotações, já no quadro 2 foram incluídas as Revistas que continham registros e bilhetes nas capas.

Quadro 1 - Relação das edições da Revista do Ensino que compõem a coleção encontrada sem anotações.

Número da edição	Mês	Ano	Possui anotação na capa?
Nº 06	Maio	1952	Não
Nº 10	Outubro	1952	Não
Nº 21	Abril	1954	Não
Nº 31	Junho	1955	Não
Nº 38	Maio-Junho	1956	Não
Suplemento especial	Outubro	1957	Não
Suplemento especial	Março	1958	Não
Nº 63	Setembro	1959	Não
Nº 64	Outubro	1959	Não

Fonte: Autora (2022).

Se observadas as datas e números de edição das Revistas sem anotações, é possível perceber que a prática não foi adotada com o passar dos anos, mas sim que era realizada de modo aleatório, podendo indicar as edições que conseguiram captar mais interesse e outras que não apresentaram tópicos que gerassem destaque. No quadro a seguir, apresenta-se as edições com anotações e, em especial, três edições (março/1956, março/1959 e março/1966) em que além das anotações realizadas na capa, a professora produziu pequenos bilhetes para manter junto às revistas, inclusive tendo colado na capa de 1966. No entanto, o conteúdo de tais bilhetes repete a proposta das anotações realizadas diretamente nas capas.

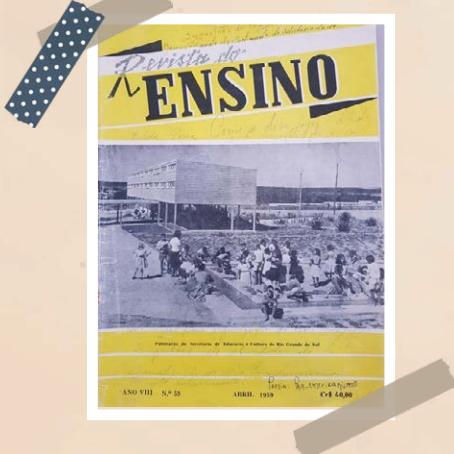
Quadro 2 - Relação das edições da Revista do Ensino que compõem a coleção encontrada com anotações.

Número da edição	Mês	Ano	Possui anotação na capa?
Nº 30	Maio	1955	Sim
Nº 32	Agosto	1955	Sim
Nº 34	Outubro	1955	Sim
Nº 36	Março	1956	Sim, e mais bilhete colado na capa.
Nº 50	Março	1958	Sim
Nº 51	Abril	1958	Sim
Nº 55	Setembro	1958	Sim
Nº 58	Março	1959	Sim, e mais bilhete colado na capa.
Nº 59	Abril	1959	Sim
Nº 61	Junho	1959	Sim
Nº 66	Março	1960	Sim, e mais bilhete colado na capa.
Nº 68	Maio	1960	Sim
Nº 84	Junho	1962	Sim

Fonte: Autora (2022).

Sobre o tipo de anotações, é possível perceber que em sua maioria serviam para destacar conteúdos, atividades, propostas e artigos de interesse e avaliados positivamente pela professora. Não raras são as observações “Ótimo”, “Muito bom” ou “Interessante” e “Importante” logo após cada destaque. Também se pode notar que as atividades destacadas com as anotações nas capas compreendem diferentes disciplinas curriculares (ensino de português: ditado e ortografia; matemática: cálculos em geral; geografia: uso de mapas, uso dos solos; história: edição especial sobre as etnias indígenas; além de atividades para datas comemorativas: dias das mães, páscoa; etc).

Figura 4 - Fotografia da capa da edição de abril de 1959.

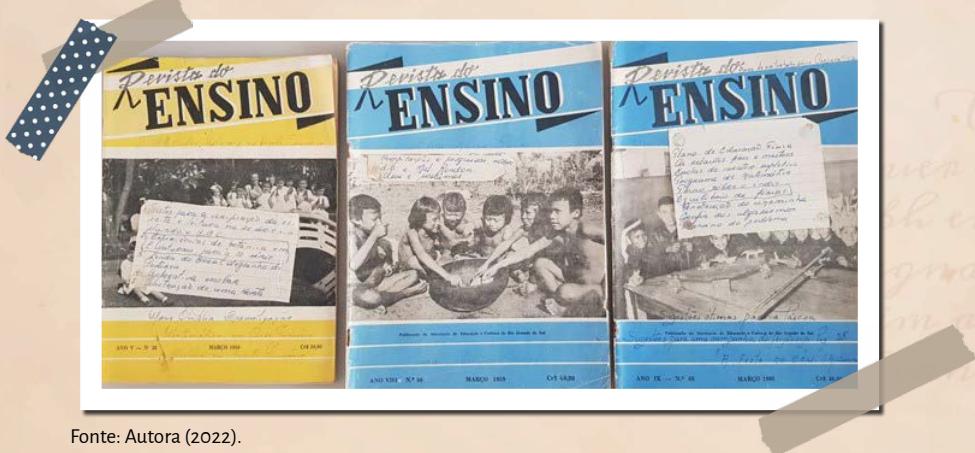


Fonte: Autora (2022).

Outro aspecto que aparece com bastante recorrência nas anotações nas capas são questões ligadas à profissão docente e à psicologia escolar. Também é possível localizar anotações sobre atividades de “moral e cívica” e civismo em edições dos anos 1950, período que antecedeu a ditadura militar no Brasil e também a LDB nº 5.692/71, que previa o ensino da moral e cívica. Tais questões poderiam provocar outra pesquisa visando compreender o interesse da professora e da própria Revista do Ensino com o tema em um período de prévia da sua eclosão no Brasil.

A respeito das três edições com a presença de bilhetes anexados às capas, nota-se que eles seguem o mesmo padrão de intencionalidade que as anotações diretamente nas capas, que não são abandonadas nas edições em questão.

Figura 5- Composição de fotografias com as capas das três edições que apresentam bilhetes anexados às capas.



Fonte: Autora (2022).

Por fim, é importante pensar na forma de anotações em bilhetes, empregada pelas usuárias das Revistas como uma maneira de pensar e organizar os planejamentos das aulas, inclusive para diferentes turmas envolvidas, considerando que as anotações contemplavam diferentes níveis de ensino e disciplinas. Outro ponto interessante que se pode verificar é que tanto os bilhetes como as anotações nas capas possuem caligrafias diferentes, o que poderia ser um indício de que a RE circulava entre as professoras da localidade ou da escola, fato já narrado em outras pesquisas sobre a circulação da Revista, que enquanto um documento oficial da SEC e enviado para as escolas, era manipulado e compartilhado entre diferentes professoras. Por fim, estes vislumbres poderiam reforçar, mais uma vez, a circulação e abrangência da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul entre os professores e escolas e, desta vez, em uma escola da zona rural.

ARQUIVOS PESSOAIS E DE TRABALHO QUE SE TORNAM OBJETOS DE PESQUISA

A leitura e compreensão sobre os dados apresentados nas páginas anteriores deste artigo precisam de uma busca teórica capaz de auxiliar na compreensão de sua natureza, potencial e possibilidades de análise, uma vez que mais do que apresentar dados e a conceitualização teórica, é preciso buscar caminhos para mobilizar a teoria para compreensão da prática. Sendo assim e já tendo sido apresentados o contexto e o conteúdo da coleção em análise, se passa a discussão teórica para a possível leitura dos dados.

Inicialmente a discussão pode ser traçada a partir da compreensão sobre a natureza da coleção sendo caracterizadas como arquivos pessoais ou arquivos de trabalho, os chamados arquivos profissionais. Neste aspecto, é preciso considerar que, embora a coleção seja de Revistas editadas e impressas, é possível observar intervenções manuscritas e pessoais da professora que durante sua prática profissional fazia anotações particulares sobre as suas impressões e escolhas pessoais, mas relacionados com o seu campo de atuação profissional, a docência. Daí a dificuldade de uma única compreensão sobre se tratar de arquivos pessoais ou de trabalho, uma vez que as relações que a professora proprietária de tais materiais e autora das intervenções manuscritas as fazia exatamente a partir da relação pessoal (suas impressões, prioridades e gostos) entrelaçada com a temática do seu mundo de trabalho (são impressões, prioridades e gostos sobre a prática docente).

Artières (1998), ao falar sobre os arquivos pessoais, questiona como, onde e por que arquivamos nossas vidas, destacando tal prática como uma forma de manipularmos nossa existência. Para o autor, os “papéis” fazem parte da vida de quem se investiga e sua organização

e preservação garantem acesso à sua vida contemporânea. É possível ainda que, no caso em análise, a professora ao anotar suas impressões sobre a Revista na própria Revista não tivesse a impressão de arquivar suas experiências, mas o fez na medida em que registrou.

Tudo passa pelo escrito: a utilização do tempo passado e do tempo que ainda está por vir, o domicílio, o parentesco, a descendência. É preciso, portanto, classificar esses papéis, organizá-los em dossiês nos quais será mencionado o seu grau de importância, a sua origem, a sua função, a sua data de produção (ARTIÈRES, 2013, p. 13).

Cox (2017), ao falar do ponto de vista arquivístico sobre os documentos pessoais, destaca o gosto por guardar despertado em muitas pessoas, relacionando os documentos manuscritos, como os diários, as cartas, a oralidade e até os registros pessoais realizados por meio da internet, com o desejo de guardar e arquivar-se a si mesmo.

Ao mesmo tempo, é preciso pensar sobre o suporte nos quais esses manuscritos pessoais e profissionais estão registrados, já que não se trata apenas de agendas ou cartas, embora em alguns aspectos haja semelhanças. Exemplo é a característica apontada por Almeida (2021) a respeito das agendas e sua característica de atuação como “facilitadoras de memória, por permitirem lembrar, pelo exercício da escrita, aquilo que devemos fazer” (ALMEIDA, 2021, p. 141).

No mesmo sentido, a autora destaca que os “dispositivos textuais, que assumem um determinado tom confessional ao organizar a vida cotidiana pela escrita, em que pesem as singularidades de cada suporte de escrita” (ALMEIDA, 2021, p. 142) para argumentar que ao analisar registros pessoais, mesmo que de cunho profissional, permitem movimentos de aproximação com quem o produziu, mas também com o contexto do período em que

foi produzido. Sendo assim, os arquivos pessoais e profissionais se tornam arquivos de pesquisa ao permitir investigações centralizadas, mas que podem ajudar a compreender movimentos educacionais, sociais, econômicos e outros a partir de novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul seja objeto e fonte de várias pesquisas do campo da História da Educação, olhar o material a partir da perspectiva dos arquivos pessoais permite a análise considerando as impressões das professoras que utilizavam o material. É nesta perspectiva que uma coleção de Revistas pertencentes a uma professora apresenta uma série de apontamentos manuscritos sobre os usos possíveis dos materiais, aproximando a Revista do Ensino, um material editado e impresso, à possibilidade de análise a partir da perspectiva dos manuscritos a partir das marginálias que a coleção carrega, e a sua revisitação permitiu um exercício em busca de sutilezas que demonstram sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

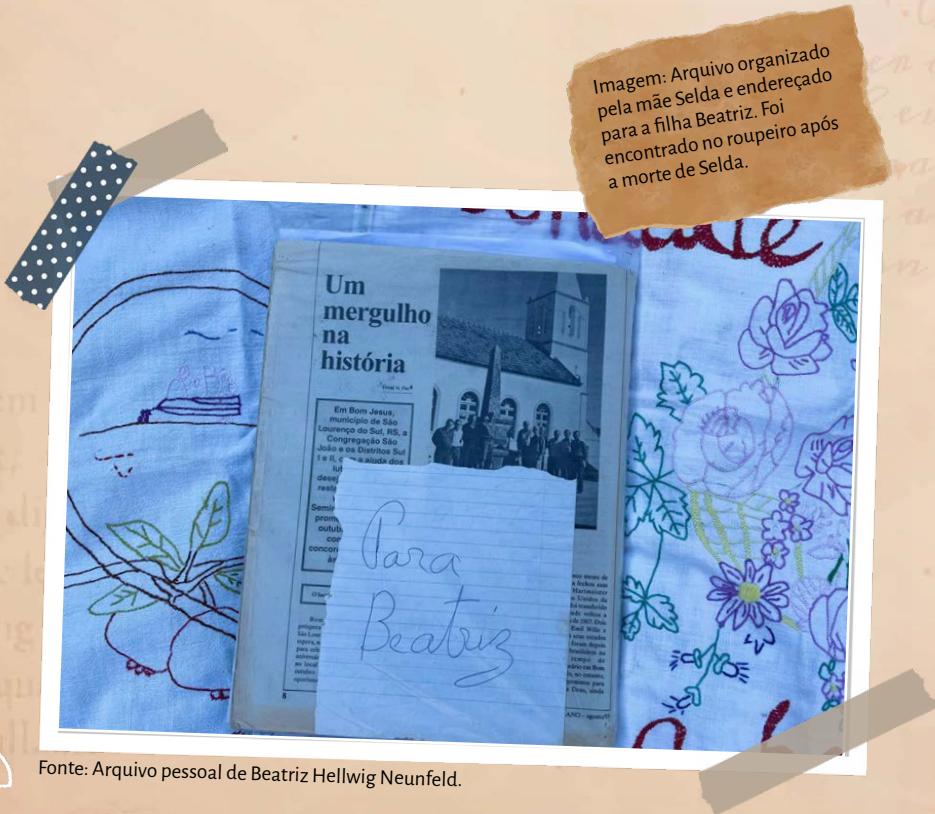
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BURKE, Peter. **O que é a história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. p. 71 - 112.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

GERVASIO, Simôni Costa Monteiro. **A normatização do ensino primário no Rio Grande do Sul nos impressos pedagógicos do CPOE/RS e na Revisão do Ensino (1947-1971)**. 139 f. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2019. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/4602>. Acesso em: 09 ago. 2023.

Imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras (BURKE¹, 2017).



Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Hellwig Neunfeld.

¹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Bauru: Edusc, 2017.

Guardados Familiares: da Guardiã das Memórias às Fotografias da Pesquisa

*Beatrix Hellwig Neunfeld**
*Patrícia Weiduschadt***

* Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação-FAE da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, integrante do grupo CEIHE (Centro de Estudos de Investigação em História da Educação, sob a orientação da Profª Drª Patrícia Weiduschadt. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Profª de História no Ensino básico no Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: biahneufeld@gmail.com

** Professora efetiva da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Vice-líder do grupo CEIHE (Centro de Estudos de Investigação em História da Educação). E-mail:prweidus@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nestas linhas, a partir dos objetos guardados pela figura materna, nos propomos a construir uma narrativa autobiográfica escrita a duas mãos. A partir das vivências percorridas no caminho da pesquisa, iniciaremos esse capítulo. O texto escrito de forma colaborativa é compartilhado, mesmo as autoras tendo contribuições díspares. O disparador que motivou tal texto foi o início do doutoramento de Beatriz, que junto com sua orientadora vai pontuar alguns aspectos constitutivos do grupo de pesquisa “Processos educativos e escolarização de grupos étnicos alemães e italianos na Serra dos Tapes/RS (1870-1980)”. A abordagem de tal grupo, situado no campo da História da Educação, busca, na maioria das vezes, fontes em arquivos pessoais.

Relevante destacar que um ponto em comum entre as pesquisadoras são as suas motivações pessoais para estar em tal campo investigativo. Tivemos a nossa educação pautada na religiosidade luterana, envolvidas com práticas e cultura material do luteranismo, como livros de orações, revistas religiosas, cancioneiros, entre outros.

Num primeiro momento a narrativa será de autoria da doutoranda que se aproximou da pesquisa e relaciona-se com a sua trajetória de vida. O início da jornada na FaE-UFPEL como aluna do doutorado foi em agosto de 2022 quando tivemos a primeira aula no Centro de memória e pesquisa Hisales, da disciplina “Seminário avançado: Arquivos pessoais: sensibilidades pelos estratos do tempo” com a professora Dra. Vania Grim Thies, na qual começamos a entender melhor as nossas pesquisas.

Por meio da troca com os colegas, da leitura dos textos e da condução das aulas e do conhecimento da Professora Vania, tivemos

maior clareza para pensar como continuar a “jornada” de pesquisa. Uma das grandes dificuldades no começo é “alinhar” a pesquisa e nesse caminho surgem várias dúvidas: como pesquisar, quais fontes utilizar, dentre tantas outras questões.

Os acontecimentos da vida que levaram à escolha do tema de pesquisa começaram há alguns anos. Foi em 2015, quando arrumava o roupeiro da minha mãe. No roupeiro havia documentos e outros materiais, tais como os panos de parede, que minha mãe havia bordado na juventude para o seu enxoval. “Dentre as famílias pomeranas, os panos de parede foram muito usados como enfeite das casas, seja na sala ou na cozinha, junto aos fogões a lenha” (THIES, 2016, p. 3). Tinha moldes de roupas e também havia um pacote transparente com meu nome (Beatriz)¹, dentro do pacote havia algumas revistas que foram selecionadas por ela e deixadas ali. Quando o encontrei, a emoção foi muito forte, porque para minha mãe aqueles “vestígios escritos” provavelmente foram “um dispositivo de resistência” (ARTIÈRES, 1998). Tratava-se das Revistas do Mensageiro Luterano. Pode-se considerar tais achados como “um patrimônio escrito” (THIES, 2020). É incerto o que motivou a minha mãe a fazer aquela seleção “o instinto de preservar documentos pessoais e familiares é tão intenso” (COX, 2017). Acredito que ela pensou que seria importante deixar organizado aquele material e colocar o meu nome para que ficasse explícito para quem era. Ao ter em mente que “guarda-se para se guardar” (CUNHA, 2008), pode-se perceber que serviria, provavelmente, numa possibilidade de salvaguardar a própria memória familiar. “Um conjunto de papéis pessoais, coleção de lembranças de episódios de vida” (ARTIÈRES, 2013). As revistas deixadas por ela já estavam dobradas nas páginas

¹ A fotografia com os materiais está na Imagem de abertura do capítulo 4.

onde o assunto era a História do começo do Seminário Concórdia. “Em História, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos” (CERTEAU, 2010, p. 80).

A vida seguiu e aquele material do roupeiro ficou guardado, “guardamos aquela herança esquisita na nossa biblioteca como outros o fizeram antes” (ARTIÈRES, 1998). Em 2016 defendi a dissertação de mestrado em que pesquisei “A história oral na escola: memórias e esquecimentos na cultura do povo tradicional pomerano e no ensino de história em São Lourenço do Sul/RS”.

No ano de 2018 cursei como aluna especial no PPGE-UFPEL a disciplina *História da Educação: Memória, Acervos e Impressos*, com a professora Patrícia Weiduschadt, que não consegui concluir porque meu pai adoeceu, e como filha única não foi possível conciliar, mas a professora Patrícia já havia orientado, dando um norteamento para o assunto a ser pesquisado num futuro doutoramento. A pesquisa futura foi auxiliada pelo material separado com todo carinho e cuidado pela minha mãe Selda e que ela havia deixado guardado nos pertences dela.

Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros (ARTIÈRES, 1998, p. 10).

Mas o material deixado por minha mãe só ganhou a minha memória novamente quando a professora Vania instigou e nos motivou a levar para as aulas algum material dos nossos arquivos pessoais. “O historiador não é aquele que sabe. É aquele que procura” (FEBVRE, 1974, p. 11).

A motivação do historiador é interpretar através das fontes a história dos seres humanos.

Uma pesquisa histórica começa sempre pela definição de um tema que, por algum ou alguns motivos, agrade, interesse, desperte a curiosidade, a vontade de saber em que vai nela se empenhar (PINSKY; LUCA, 215, p. 239).

Com a excelente orientação e contribuição da Professora Doutora Patrícia Weiduschadt está se tornando viável realizar a pesquisa que está sendo apresentada nestas linhas. Então, em seguida, Patrícia partilhará suas reflexões.

Assim como Beatriz, grande parte das investigações empreendidas na área das Ciências Humanas é motivada pelas experiências de vida do pesquisador. Não se acredita mais em pseudo neutralidade, temos envolvimento constante nas nossas escolhas, mas sem descuidarmos do movimento de aproximação/distanciamento do nosso objeto, numa constante vigilância epistemológica (BOURDIEU, 1999). Os guardados no campo da História da Educação (LOPES; GALVÃO, 2001) são fulcrais nas escolhas investigativas. Neste caso, os guardados familiares, normalmente preservados pelas mulheres, são disparadores investigativos, ainda mais se tratando de estudar grupos étnicos pomeranos/alemães no luteranismo. Como orientadora de Beatriz, nossas escolhas de pesquisa fazem parte de um processo que nos entrelaçam, sendo possível nos articular em um processo de busca de guardados que representaram afetos de nossa maternagens (PERES, 2004).

Começo a refletir que as minhas escolhas do campo de pesquisa se deram por meio de conversas com minha avó Rosa. Tais escolhas foram mobilizadas pelos relatos das suas práticas escolares, como a alfabetização em língua alemã, bem como o uso do *Tafel*². Sobre as

² Nome dado em alemão para a ardósia, em que se escrevia e apagava na “tabuinha” antes do advento da popularização do uso do caderno.

escolas étnicas religiosas em comunidades luteranas no Brasil ainda havia encanto das histórias contadas por ela, como o comportamento dos seus professores, o trajeto escolar, a relação com os colegas. Tais escutas na infância foram gerando a necessidade de compreender esse processo educativo. Ao adentrar no grupo de pesquisa CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação) como aluna em 2005, resultou na dissertação de mestrado³ e, agora, sendo vice-líder de tal grupo, fica elucidada a necessidade de entender a “caixa preta” da escolarização étnica luterana. Com apoio de teóricos que evidenciaram o estudo de instituições educativas a nível microscópico (JULIA, 2001), busquei adentrar nesse campo de pesquisa.

Ao iniciar as primeiras aproximações com a pesquisa, minha avó já não estava mais conosco, no entanto, as rememorações eram frequentes. Minha família possuía guardados religiosos. Então descobri que minha mãe Loni havia sido leitora de uma revista infantil denominada “O Pequeno Luterano”, material que foi objeto e fonte da minha tese⁴.

O material da minha mãe e as narrativas da minha avó não tinham sido guardados sistematicamente para as investigações que hoje ainda mantenho. Mas tal experiência reverberou em grande parte nas minhas orientações, as quais estão dentro da esfera do luteranismo e das escolas étnicas alemãs. A possibilidade de perscrutar as vivências das mulheres que representam fortemente a imagem materna é que alavancou a minha constituição como pesquisadora.

Por isso que os guardados de Beatriz apresentando nesta escrita introdutória estão relacionados com a trajetória de sua orientadora. A seguir será apresentado o percurso da doutoranda em tal contexto.

³ Ver em Weiduschadt, 2007.

⁴ Ver em Weiduschadt, 2012.

AS PRIMEIRAS AULAS COMO DOUTORANDA DA UFPEL – OS ACHADOS NOS GUARDADOS FAMILIARES

Aprovada na seleção de doutorado da FAE com a pesquisa “Entre Memórias e Trajetórias: Professores e suas Histórias de vida” que visa analisar a trajetória de vida de dois professores-pastores luteranos, John Hartmeister (estadunidense) e Emílio Wille, que atuaram em São Lourenço do Sul e região, principalmente dentro das comunidades pomeranas no início do século XX. Cabe destacar que esses dois professores foram pesquisados na dissertação da minha orientadora, a fim de entender a primeira instituição pedagógica no contexto pomerano.

Ao iniciar os estudos do doutorado e os encontros presenciais, conheci nas aulas da professora Vania as colegas Nicéia (mestranda em Educação) e a Nikole (bolsista de Iniciação Científica). As duas colegas têm parentesco com os descendentes do pesquisador Emílio Wille. A professora Vania mostrou uma foto do Hisales em que está o Emílio Wille, professor e pastor pesquisado no meu trabalho, conforme segue abaixo.

Figura 1 - Fotografia do Professor/Pastor Emílio Wille com seus alunos em São Lourenço do Sul.



Fonte: Acervo Hisales - UFPEL.

Graças às aulas da professora Vania, e às colegas Nicéia e Nikole, foi possível agendar a primeira visita aos parentes do pastor e professor Emílio Wille. Este agendamento se deu via aplicativo de Whatsapp e a primeira visita aconteceu no início de novembro de 2022.

A PRIMEIRA SAÍDA DE CAMPO PARA PESQUISA

No dia oito de novembro de 2022, no município de Canguçu, aconteceu a primeira entrevista para pesquisa com a senhora Olinda V. Wille, que completou seus 90 anos no dia 3 de dezembro de 2022, viúva de Martin Wille, que era filho do pesquisado Emílio Wille. A casa visitada foi onde o pastor e professor Emílio Wille viveu seus últimos anos de vida.

Também esperavam a entrevista os filhos da dona Olinda, os senhores Silvio e Gilberto Wille.

A receptividade foi muito boa, a conversa muito profícua, logo trouxeram uma caixa com muitas fotos antigas corroborando com o que afirma Almeida (2021) “arquivar é um modo de testemunhar, de deixar registrada nossas memórias, nossas relações com os outros, enfim, nosso lugar no mundo” (ALMEIDA, 2021, p. 45). O senhor Gilberto Wille começou a relatar quem eram as pessoas naquelas fotos, tal como afirma Cox (2017): “Documentos podem ganhar um significado extraordinário quando são associados à memória pessoal e familiar” (COX, 2017, p. 90).

A nora da dona Olinda, Nelda Wille, relatou que a sogra sofrera uma isquemia há alguns anos, e de fato era perceptível que em alguns momentos ela não conseguia lembrar de algumas questões do passado, mas os filhos dela contribuíram muito com os depoimentos dados sobre suas memórias e lembranças do avô

Emílio Wille e também relataram vários fatos do que ouviram do avô sobre o professor Hartmeister.

Quando me despedi da família Wille já com a promessa feita de retornar em janeiro de 2023 para fazer a gravação da conversa para registrar como História Oral, o senhor Gilberto foi buscar um livro para emprestar até janeiro. O livro tem o título “Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo”. Numa primeira leitura rápida vi que aborda vários aspectos sobre os primeiros estudantes do Seminário Concórdia em Bom Jesus, interior de São Lourenço do Sul. Pensar sobre a pesquisa que estou empenhada em realizar leva a reflexão do texto “As malhas do feitiço” (GOMES, 1998) em que podemos ler que “essa História certamente não é a única, nem mesmo a melhor. O fundamental é saber conviver com a seriedade e a diversidade, ambas virtudes da boa academia e da boa democracia” (GOMES, 1998, p. 127).

MUITAS IMAGENS

Conforme já relatado anteriormente, da caixa de fotografia que a família pesquisada apresentou, muitas imagens foram aparecendo e “para o historiador que mobiliza fontes fotográficas na sua investigação sobre a sociedade, as análises raramente se restringem a uma única imagem” (LIMA; CARVALHO, 2015, p. 45). Uma das primeiras imagens que mostraram, guardadas pelas famílias, conforme pode ser visto na imagem 03, foi dos pais do Emílio Wille, do senhor Júlio e da esposa da dona Ernestina Wille, conforme a inscrição atrás da foto e o relato da família. Fiz reprodução da foto. “A fotografia é uma prova não só do que está ao nosso redor, mas também do que o indivíduo vê” [...] (SONTAG, 1981, p. 86).

Figura 2 - Fotografia do pai e da mãe de Emílio Wille - Julio e Ernestina Wille.



Fonte: Arquivo da família Wille.

Em uma outra imagem capturada nos jardins da casa em que estávamos, estão o senhor Emílio Wille e a esposa Guilhermina Wille, conforme o relato do neto Gilberto. “Imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras” (BURKE, 2017, p. 51).

Figura 3 - Fotografia de Emílio e Guilhermina Wille



Fonte: Arquivo pessoal da família Wille.

Em outra imagem do Emílio Wille, ele mais jovem com seu meio de transporte (cavalo) para atender às suas comunidades em meados do século XX. “A imagem fotográfica informa sobre o mundo e a vida, porém, em sua expressão e estética próprias” (KOSSOY, 2014a, p. 169).

Figura 4 - Fotografia de Emílio Wille.



Fonte: Arquivo da família Wille.

Noutra imagem o pastor e professor Emílio Wille trabalhando como professor. “Os registros iconográficos também podem se constituir como rico recurso para pesquisas de historiadores” (FERREIRA; DELGADO, 2013, p. 28).

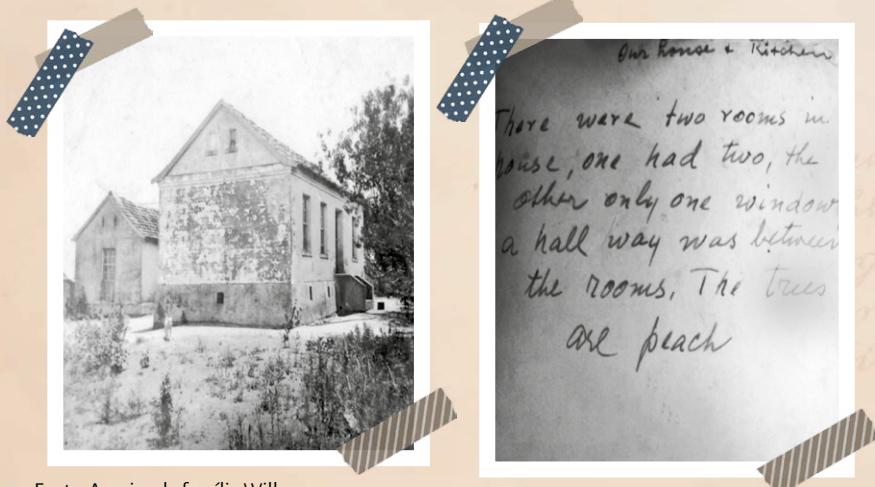
Figura 5 - Fotografia de Emílio Wille e seus alunos.



Fonte: Arquivo da família Wille.

Na caixa de papelão também havia imagens da família Hartmeister (a esposa e a filha) e uma foto da casa em que o pesquisado John Hartmeister e da família quando moraram em Bom Jesus no interior de São Lourenço do Sul. Esta casa foi a residência da família Hartmeister enquanto estiveram no Brasil no início do século XX, e atualmente a Casa Hartmeister abriga o memorial do Seminário Concórdia e o Museu da Imigração Pomerana. Nesta imagem está escrita atrás da foto, em inglês, a descrição que o professor e pastor Hartmeister fez da casa, inscrição que tem como título “Nossa casa e cozinha” e segue relatando: “Haviam dois cômodos na casa, um tinha dois, o outro tinha apenas uma janela, um caminho de hall entre as dependências. As árvores são de pêssegos”. Era comum a arquitetura das casas adjacentes, ainda hoje é possível encontrar muitas casas antigas com este estilo de construção na localidade de Bom Jesus no 4º Distrito de São Lourenço do Sul/RS.

Figura 6 - Fotografia da Casa em Bom Jesus que atualmente abriga o Museu Casa Hartmeister e imagem da escrita em inglês do pastor Hartmeister (atrás da foto).



Fonte: Arquivo da família Wille.

As imagens da Theodora Hartmeister e filha possuem atrás da foto a inscrição Post Card - Cartão Postal. A família Wille desconhece se estas fotos foram reveladas no Brasil ou enviadas dos Estados Unidos pelo reverendo Hartmeister para o Emílio Wille.

Figura 7 - Fotografia da esposa e filha do pastor e professor Hartmeister.



Fonte: Arquivo da família Wille.

Esta materialidade iconográfica encontrada nestas representações visuais permitem a transmissão simbólica e narrativa destas histórias de vida. Através das fotografias ficaram capturadas a existência e as trajetórias destes indivíduos. Além das imagens aqui apresentadas haviam muitas outras que não ser analisadas ao longo da pesquisa do doutorado. Através dos arquivos pessoais e familiares, dos guardados e narrativas destas mulheres é possível perceber que a história se mantém viva. “Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha” (PERROT, 1989). Este protagonismo feminino pode ser percebido dentro das famílias envolvidas nesta pesquisa, em que as mulheres se responsabilizaram em guardar e repassar as memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada da pesquisa está bem no início, ainda há um longo percurso pela frente no caminho historiográfico do tema pesquisado, principalmente quanto ao tema da problematização da memória e História.

Como já mencionado no início destas linhas, as aulas da professora Vania ajudaram a pensar melhor as questões da pesquisa, tal como ela afirma: “Pensa-se o quanto a vida cotidiana ainda está por ser narrada no campo da história da cultura escrita e na História da Educação” (THIES, 2022, p.23). Narrar faz parte da nossa existência, sejam quais forem as fontes.

Como iniciamos o texto, os guardados familiares e acervos privados podem ser de grande valia para as investigações empreendidas, especialmente, nesse campo. Tais evidências são eivadas de afetividade e que nos mobilizam a descobrir e articular nossas problematizações.

O interessante, aqui, é observar que quem guarda e narra são mulheres. As Olindas, Guilherminas, Lonis, Seldas, Rosas, como tantas outras mulheres valorosas, que muitas vezes no anonimato, na invisibilidade feminina, se preocupam com a continuidade da história familiar, do grupo, da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de cartas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências e pesquisa. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2013.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean Claude. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicos. Petrópolis, Vozes, 1999.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Bauru: Edusc, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. O passado no presente: ficção, história e memória. In: ROCHA, João Cesar de Castro (org.). **A força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011. p. 95-124.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

CUNHA, Maria Teresa Santos *Apud* ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arquivo-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FEBVRE, L. **Le Problème de L'Incroyance du 16 siècle**. Paris: A. Michel, 1974.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, jan./jul. 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

LOPES, Eliane M. T.; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da educação**. Rio de Janeiro. DP e A, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 10-18. ago./set. 1989.

PERES, Lucia Maria Vaz. Matriciamentos que atravessam e sustentam nossos saberes científicos: leituras pela via do imaginário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 1., Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2004.

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre fotografia**. Rio de Janeiro, 1981.

THIES, Vania Grim. Patrimônio do escrito: cadernos de usos não escolares e as contribuições para a cultura escrita. **Revista História da Educação**, 2020.

THIES, Vania Grim; FONSECA, Larissa; MENASCHE, Renata; TURRA-MAGNI, Cláudia; BITTENCOURT, Hamilton. **Panos de Parede**: objetos da cultura pomerana. 2016. Ensaio fotográfico.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931-1966)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2007.

As mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário, ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nadas” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina (PERROT¹, 1989, p. 13).



Fonte: Arquivo pessoal de Adriene Coelho.

¹ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n.18, p. 09-18, ago./set. 1989.

*Arquivos Têxteis como Patrimônios que acionam Memórias e Discursos Feministas Contemporâneos**

*Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski***

* Este trabalho foi apresentado no IV Seminário do Grupo de Pesquisa Educação de Mulheres nos séculos XIX e XX e o II Encontro do Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 8 a 11 de março de 2023. Foi publicado em forma de resumo nos Anais do evento. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/02/Anais-IV-Semin%C3%A1rio-do-Grupo-de-Pesquisa-Educa%C3%A7%C3%A3o-de-Mulheres-nos-s%C3%A9culos-XIX-e-XX-II-Encontro-do-Grupo-de-Pesquisa-Arquivos-Pessoais-Patrim%C3%B4nio-e-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

** Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação/UFPel, Discente da Especialização em Artes (PPGAVI/UFPel). Mestre em Extensão Rural (UFV/MG), Pedagoga e Artista visual. Email: adrienejero@gmail.com.

*Se não escrevo as coisas,
elas não encontram seu termo,
são apenas vividas.*
Annie Ernaux - O Jovem (2022)

FIO CONDUTOR

as reflexões que proponho neste artigo se iniciaram a partir do olhar atento sobre objetos guardados numa pasta plástica transparente com zíper, adaptada para proteger itens relacionados à arte têxtil. Todos pertenciam às mulheres da família, mãe, sogra, tias e foram recolhidos ao longo dos últimos 40 anos quando alguma dessas mulheres faleceu ou apenas queria descartá-los e sabia que eu os receberia com interesse. São itens variados, tais como, amostras de bordado e crochê, agulhas de crochê, agulhas de tricô, uma agulha de tapeçaria acondicionada em uma caixa, toalhinhas bordadas há mais de 70 anos, rendas, a fita métrica da mãe costureira e materiais impressos sobre Colagem, Ponto Cruz, Crochê, Cestaria e Bordado.

Mesmo sendo objetos destinados para a guarda, todos estes itens também podem ser utilizados na minha prática artística cotidiana com as artes têxteis. Consulto com frequência os materiais impressos sobre pontos de crochê e utilizo as agulhas finas de tricô e crochê ocasionalmente. Ao trabalhar com textos de Philippe Artières (1998) e Orest Ranum (1991) sobre arquivos pessoais, percebi que era possível ainda reconhecer esse material como artefatos da cultura material para discutir aspectos da História da Educação. Ao acessar as memórias familiares, adicionei uma nova vida aos objetos, narrando suas histórias e seus contextos de utilização, e ainda, percebendo como essas narrativas reverberam em outras pessoas que reconhecem nesses materiais suas histórias particulares com mulheres bordadeiras,

tecelãs, costureiras e artesãs de seu entorno familiar. Assim, o objetivo deste capítulo é problematizar o uso dos artefatos culturais usados nas artes têxteis descrevendo meu próprio arquivo de materiais.

As artes têxteis envolvem muito mais do que linhas, agulhas, técnicas e ferramentas, pois são baseadas em conhecimento transferidos entre gerações que, assim, constroem memórias mostrando o nosso pertencimento à comunidade e à cultura. Maria Teresa Santos Cunha, no prefácio do livro *Percursos de um Arq-Vivo: entre Arquivos e Experiências na Pesquisa em História da Educação*, da professora Doris B. Almeida, revela que interessa preservar e analisar como e por que as memórias existem, mas também entender a conservação do acervo como forma de combater o esquecimento (ALMEIDA, 2021). Santana e Pessoa (2022) aprofundam esta questão ao comparar o ato de tecer e a materialidade do tecido que se constrói pelas tramas e urdiduras à própria memória, que constrói a vida dos sujeitos pelo entrelaçamento de histórias, por isso, entre os esquecimentos e recordações, narrar memórias pode ser um ato simbólico para manter vivas histórias e tradições culturais de um povo, afirmando sua identidade. E também histórias pessoais, que assim são registradas e guardadas para a posteridade.

No caso das artes têxteis, geralmente produzidas por mulheres, têm sido consideradas uma arte menor que recebe pouca atenção e prestígio, sendo muitas vezes relegadas ao esquecimento. Com a modernidade, as moradias foram reduzindo de tamanho e muitos itens, como as toalhinhas usadas nos móveis, as cortinas, os tapetes e almofadas, passaram a ser substituídos por outros materiais, como o plástico, ou simplesmente foram eliminados das casas. Perrot (2005) propõe recuperar e narrar as histórias e os silêncios das mulheres. A autora frisa que as próprias mulheres são protagonistas e beneficiárias desse esforço, sensibilizadas pelas histórias de suas ancestrais e desejosas de reencontrá-las, e até mesmo torná-las

visíveis, como num ato de justiça e poesia. Além disso, mais do que fonte, é possível pensar os acervos como produtores de conhecimento, ou seja, agentes de constituição e circulação de saberes.

Artières (1998) afirma que

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Os objetos da pasta não perdem seus usos originais, continuam sendo usados no dia a dia, artefatos que vão ganhando novas camadas de memória, compreendidos pelos seus múltiplos cruzamentos e sentidos que acrescentam ao fato de terem resistido ao tempo e ainda estarem à disposição no presente e para o futuro. Como diz Cox (2017), a forma como acumulamos e organizamos os documentos diz muito sobre nós mesmos. Por não terem sido descartados, pelo gesto de guardar, os arquivos representam a memória, mas também recuperam as histórias, pois podem servir como um ponto de partida para recompor as experiências vividas e compartilhadas com quem os produziu, seus guardiões ou pode prestar depoimentos.

PASTA DE RELÍQUIAS

Na necessidade de questionar por que aquilo se mantém preservado, percebemos a importância da dimensão pessoal e da sensibilidade presente no ato de conservar e carregar estes itens na Pasta de Relíquias. No Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN¹, o verbete

¹ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia federal do Governo brasileiro, vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela preservação e divulgação do patrimônio nacional.

Relíquia diz respeito a qualquer objeto que teve contato com algum personagem religioso, histórico, mítico ou de um passado longínquo (IPHAN, 2016). Não estamos falando de personagens ilustres, mas de mulheres comuns, fora da historiografia tradicional, cujos objetos se tornam preciosos justamente pela sua individualidade, porque guardam lembranças do cotidiano vivido junto. Ecléa Bosi (1994) propõe que os objetos que guardamos, mais do que um sentimento estético ou de utilidade, ordem ou beleza, eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Para a autora, quanto mais voltados ao uso cotidiano, mais expressivos são, incorporando a característica de biográficos, pois representam experiências vividas. Com outros fragmentos do passado, eles marcam uma trajetória pessoal que se contrapõe à mobilidade e à contingência próprias da vida. Por isso estes objetos têm o poder de constituir uma identidade, superando suas outras funções, sejam elas estéticas ou instrumentais (BOSI, 1994).

Apresento minha Pasta de Relíquias na figura 1.

Figura 1 - Pasta de Relíquias.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriene Coelho.

Para Ranum (1991), é importante ir além das narrativas construídas pela historiografia clássica. Neste sentido o autor traz o conceitos de lembrança-espacô (jardim, gabinete, oratório, etc.) e lembrança-objeto (livro, flor, anel, fita, carta, etc.) para mostrar como os indivíduos associam determinados espaços e objetos ao seu íntimo. Isto acontece quando algo muito particular que pertenceu a alguém único no espaço e no tempo passa a ser codificado e comprehensível para outra pessoa, mesmo que seus signos não sejam completamente decifráveis (RANUN, 1991). Estes repertórios de coisas materiais e cenários lembram amores, amizades, memórias e são refúgios da intimidade que evocam a presença de um antepassado ou nos transportam para um outro tempo. Pode ser um espaço grande, uma gaveta, uma rosa guardada dentro de um livro, uma camélia seca na carteira. Ou uma pasta com objetos de costura e bordado antigos (Figura 1) como é o caso dos artefatos problematizados neste trabalho.

Me questionei sobre qual o sentido de guardar esses itens. Por que estes e não outros? Que histórias eles contam? Quais memórias - individuais e coletivas - eles acionam? E ainda: quais vestígios contidos nesses objetos os ligam à contemporaneidade e à História da Educação, e mais particularmente à história da educação de mulheres? Como Michelle Perrot (2019) afirma na apresentação de seu livro *Minha história das mulheres*, toda história é história contemporânea, pois tem um compromisso com o presente ao interrogar o passado, tomando como referência questões que fazem parte de nossa vida, tais como:

como as desigualdades de gênero, os significados das aparências, as manifestações da sexualidade, a luta por direitos, o papel da família, do Estado e das religiões no cotidiano das pessoas, as dificuldades e possibilidades de acesso à cultura, entre outras" (PERROT, 2019, p.11).

Tendo estas questões em mente, enquanto organizava os itens que iriam compor esta análise, busquei pensar em categorias e núcleos narrativos entre os itens encontrados dentro da pasta analisada. No total, são 26 itens que serão apresentados e brevemente analisados a partir de três categorias: a) Revistas e Livros; b) Ferramentas; c) Amostras e Bordados.

REVISTAS E LIVROS

Nesta categoria estão presentes 5 itens: um impresso da Coleção Linhas Corrente sobre colagem, de 1980; um fascículo do Álbum de Ponto de Cruz, publicado pela Editora Globo, de 1992; uma revista *Neue Mode* sobre crochê, da Editora alemã Haken & Sticken, publicado em 2000; uma publicação da Coleção Mais Você Ana Maria Braga sobre Cestaria, da Editora Globo, publicado em 2001; e um livro japonês sobre bordado, de 2001. Todos estão em ótimo estado de conservação.

O conjunto analisado, mesmo sendo em um número reduzido, fornece uma amostra bastante completa da época em que estes materiais circularam e do contexto das publicações voltadas para artes e artesanato, entre os anos de 1980 a 2001. Além dos dois materiais importados, um alemão e outro japonês, os outros três impressos são da Editora Globo, que formou um legado para as artes e a literatura feminina no século XX, ao imprimir revistas bonitas, coloridas, bem diagramadas e com fotos bem produzidas sobre as mais variadas artes têxteis e artesanatos. Muitas delas eram vendidas nas bancas de revista em todos os estados do país.

Algumas coleções eram comercializadas em fascículos que podiam ser comprados todos os meses e, assim, iam formando enciclopédias sobre os mais diversos assuntos nas áreas de

artesanato, jardinagem e alimentação. Eram vendidas publicações com moldes para pintura, stencils, desenhos prontos temáticos (flores, infantil, etc.) e também uma grande variedade de álbuns de pontos de bordado e de crochê (roupas, barrados, itens de vestuário, etc.). Outra curiosidade sobre essas publicações é justamente a questão de serem materiais vendidos em fascículos. Isso permitia um valor de capa baixo, mas que se somava quase ao infinito, pois eram vendidos semanal ou mensalmente. Também eram vendidos estojos próprios para acondicionar esses materiais. O Álbum de Ponto de Cruz número 2, por exemplo, que integra o arquivo analisado, traz a informação de que a obra é composta por sessenta fascículos vendidos semanalmente, compostos ainda por álbuns de esquemas, caderno de alfabetos estilizados e três estojos para acondicionar a coleção da revista de maneira completa.

Outras informações como a facilidade de adquirir números atrasados tanto nas bancas de jornais e revistas, pessoalmente (em dois endereços, no centro de São Paulo e do bairro do Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro) e também por carta, diretamente no endereço da Editora Globo em Barueri, região metropolitana de São Paulo, também apontam para a fidelidade da clientela desse tipo de material. Lembro muito bem das coleções da minha mãe e também de ir com ela às bancas de jornais e revistas durante os anos 1980 e 1990 no interior de Minas Gerais. Eram materiais coloridos, com papel couché de ótima qualidade, tanto que estão em ótimas condições ainda hoje, cerca de 30 anos depois de sua publicação.

Ramil (2018), ao estudar a produção de livros didáticos gaúchos, nos fornece pistas sobre como funcionava a indústria gráfica na época de circulação desses materiais. A autora afirma que, se antes os aspectos visuais e gráficos não estavam entre os principais cuidados das editoras na produção de livros didáticos, pois faltava

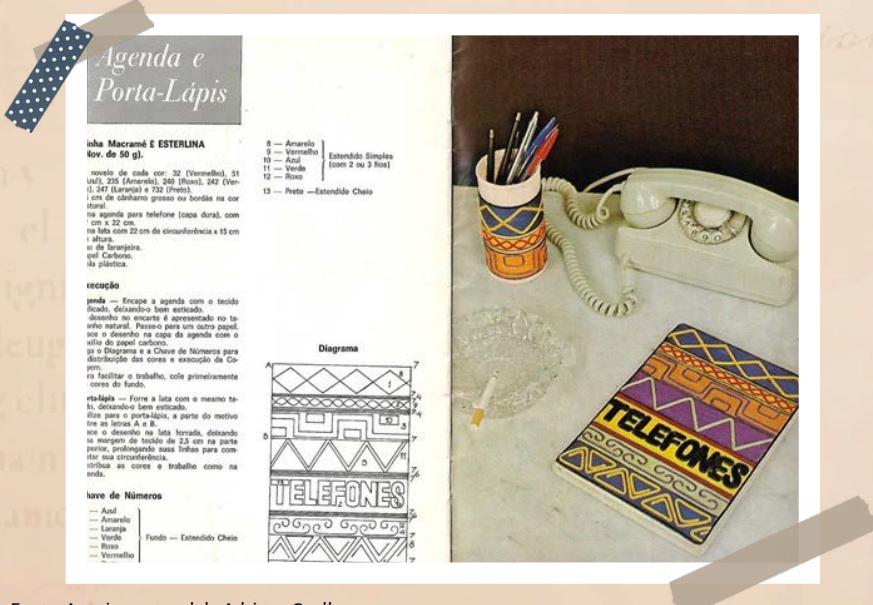
conhecimentos específicos nas áreas de comunicação e design, é a partir dos anos 1970 que o parque gráfico nacional passa por uma renovação, agregando designers e artistas gráficos e também inovações tecnológicas que permitiram melhorar a qualidade dos materiais. Essa melhora na qualidade com as inovações não se deu somente para a produção dos livros didáticos, mas para todos os materiais editados pela indústria gráfica. Uma das editoras citadas pela autora é a Editora Globo, a editora de dois dos materiais que compõem o arquivo analisado.

À primeira vista, pode ser pensado como um item comum, voltado para um público restrito de mulheres com interesse em artes manuais e têxteis. No entanto, as revistas femininas têm uma história bastante rica no Brasil. Uma das publicações analisadas, o livreto sobre Colagem (livrete n.º 071) é um impresso das Linhas Corrente, que traz no colofão a informação de que teve uma tiragem de 10.000 exemplares nesta segunda edição e que as Linhas Corrente possuíam mais de 200 tipos diferentes de publicações, das quais era possível receber gratuitamente um Catálogo Ilustrado. Na figura 2, há uma receita para produção de uma agenda e de um porta lápis. É um exemplo produzido e divulgado no livreto sobre Colagem oferecido pelas Linhas Corrente, o qual foi referido anteriormente.

Na Figura 2 podemos verificar a riqueza de conteúdos da imagem usada para ilustrar a receita, que ao ser confrontada com a pesquisa da professora Vânia Carvalho em seu livro Gênero e Artefato (CARVALHO, 2020), nos permite fazer análises sobre o estabelecimento das rotinas diárias e do uso dos espaços e artefatos na perspectiva das relações de gênero, como o cigarro e o cinzeiro presentes na cena, o telefone analógico, o artesanato presente na capa da agenda de telefones, entre outros aspectos. Em todas as publicações da Revista Corrente isso fica muito explícito, pois a

visualidade marca uma época, neste caso, as décadas de 1980 e 1990, ano da publicação do impresso. Nesta seção buscamos fazer um apanhado geral e captar alguns detalhes históricos e contextuais do acervo analisado, cada uma dessas publicações pode ser ainda mais explorada quanto a estes detalhes, mas também aos seus conteúdos, como as visualidades, os elementos gráficos e também as questões da cultura material brasileira, como foi apresentado.

Figura 2 - Páginas 16 e 17 do livrete nº 071 sobre Colagem, 2º Edição 12 - 12/80, impresso para Linhas Corrente.



FERRAMENTAS

Na categoria que denominei de ferramentas, estão 7 itens: um suporte de madeira para cone de linha; uma fita métrica; uma agulha de tricô número 3, uma agulha de tapeçaria acondicionada

em caixa plástica, que acompanha manual com instruções de uso; três agulhas de crochê de números 0,9, 1,5 e 2.

A primeira observação que podemos fazer é que estes são objetos de muito boa qualidade na sua produção, são antigos mas ainda preservam suas características originais. A agulha de tapeçaria (Figura 3), por exemplo, vem acondicionada dentro de uma caixa de plástico duro e acompanha um folheto explicativo sobre o modo de uso. Neste folheto, além das informações sobre o fabricante, consta a data 1970, o que mostra que ela tem mais de 50 anos. Este item nunca foi usado por mim, pois ainda não experimentei trabalhar com tapeçaria, mas está sob a minha guarda porque foi doado pela sogra. Ao questioná-la sobre a história do objeto, fico sabendo que quando meus sogros se casaram, começaram a tecer juntos um tapete de arraiolo². Não terminado, pois logo chegaram os filhos.

Figura 3 - Agulha de Tapeçaria fabricada em 1970.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriene Coelho.

² Os tapetes de Arraiolo são bordados de lã sobre tela de juta ou algodão, tradicionais da vila de Arraiolos, em Portugal. O chamado ponto de Arraiolos é um ponto cruzado oblíquo composto por duas meias cruzes, uma das quais tem o dobro do comprimento da outra.

As outras agulhas também têm história. As agulhas de crochê foram da minha mãe. Ao olhar para elas penso na delicadeza das tramas produzidas por essas agulhas tão finas, que exigem uma atenção especial para o trabalho feito. Em sua pesquisa, Carvalho (2020), ao abordar a questão do espaço doméstico na perspectiva da cultura material, faz uma diferenciação das nuances entre os produtos de grande, médio e pequeno prestígio que adornavam as casas e iam desde as “verdadeiras” rendas europeias, tidas como sinal de status, até o vulgar crochê. Como as rendas eram caras e não estavam acessíveis às mulheres das classes mais baixas, as toalhas produzidas com agulhas e fios finíssimos eram indicativos de “distinção social que traduziam as disputas entre as mulheres e as conquistas daquelas menos privilegiadas por meio da educação, do talento, do empenho e da paciência” (CARVALHO, 2020, p. 76).

As mulheres, apesar dos muitos avanços, enfrentam uma luta diária para quebrar imposições e controles sobre seus corpos. Relaciono a isto uma lembrança que tem relação com a fita métrica. Este é um item muito usado na costura para tirar medidas das partes do corpo para a construção dos moldes. No caso de minha mãe, que produzia roupas tanto femininas quanto masculinas, ela usava a fita métrica apenas nas mulheres, quando ia costurar roupa masculina, solicitava uma peça de roupa deste homem para que a partir daí fizesse o molde, evitando passar a fita pelas partes do corpo masculino. Um preciosismo que deve ter aprendido no Colégio de Freiras, onde estudou, mas também indicava o respeito ao marido.

O suporte para cone de linha exemplifica a criatividade e potencialidade de construção de ferramentas de trabalho para melhorar a qualidade ou facilitar processos. No dia a dia da produção doméstica de trabalhos com agulha e outros tipos de artesanato, a mulher que não dispõe de recursos e materiais cria alternativas para

facilitar o trabalho e que podem trazer inovações para os processos. A produção artística brasileira contemporânea se alimenta muito disso, pois a partir dos anos 1980 adquire vitalidade, que a curadora Lisette Lagnado chamou de “efeito Bispo”, em referência a Arthur Bispo do Rosário (1909 - 1989)³. Bispo não se via como artista, não dispunha dos meios e materiais de criação, por isso trabalhou a partir dos objetos de uso cotidiano como lençóis, toalhas, roupas, latas, espelhos, itens do lixo e sucata, criando obras potentes.

Outro exemplo são as *arpilleras*. Na ditadura chilena (1973-1990) surge essa técnica popular de expressão através de telas de tecido barato onde retalhos e sobras de tecidos são bordados, formando cenas e imagens. Isto foi um importante e reconhecido meio de resistência política e de denúncia, pois mulheres e homens, de modo autoral e anônimo, usaram esta técnica para denunciar violências, arbitrariedades cometidas, carestia de alimentos e remédios e buscas por desaparecidos. Ao criar se utilizando de ferramentas e materiais alternativos, se inaugura uma nova materialidade e uma estética mais próxima da realidade, do contexto de sua produção, trazendo também outros sentidos e valores à criação.

AMOSTRAS DE CROCHÊS E BORDADOS

Na categoria denominada de amostras de crochês e bordados, são 14 itens: uma flor de crochê para amarrar na tesoura, um mostruário de bordados em ponto cruz e barra de crochê, um quadrado de crochê, um pano de prato bordado com crochê e renda

³ Artista sergipano, viveu no Rio de Janeiro. Após um surto psicótico aos 29 anos, foi encaminhado ao Hospício Colônia Juliano Moreira, onde viveu por 50 anos. Sua obra mais importante é o MANTO DA APRESENTAÇÃO, que bordou durante o tempo em que esteve internado.

de agulha e 10 toalhinhas bordadas em tecido no formato redondo, sendo 3 em ponto cruz com acabamento em crochê e 7 com bordado típico Português.

Itens usados para decoração de ambientes, que traduzem a linguagem da sensibilidade, da delicadeza, mas também forma de estender o conhecimento no tempo. Com uma amostra ou um exemplo do material, outra pessoa em outro tempo e lugar pode conseguir reproduzir o desenho, a trama, os pontos apenas pela observação e manipulação do bordado e do seu avesso. O avesso do bordado ou crochê, muitas vezes, ensina mais ainda, tanto pela delicadeza que pode trazer, como também pela curiosidade de que pouco se diferencia do desenho na parte da frente. Também chama a atenção o bom estado da amostra de bordados em ponto cruz e das barras de crochê (Figura 4), também pela qualidade do tecido e das linhas utilizadas.

Figura 4 - Amostra de bordados em ponto cruz e barras de crochê.



Fonte: Arquivo pessoal de Adriene Coelho.

Essa mistura de memórias, temporalidades e sentimentos se materializa nesta amostra porque este costume de arquivar aprendizados é uma das ferramentas mais importantes do bordado: ajuda na organização, serve de referência para consultas e também como forma de memorizar pontos, pois à medida que se aprofunda nas técnicas e passa a bordar vários estilos, é muito possível que se esqueça de alguns detalhes. Com a amostra, os pontos ficam registrados como uma coleção, que pode ser consultada quando necessário ou ser emprestada entre colegas que realizam esses trabalhos. Como um caderno, a amostra registra o conhecimento adquirido que precisava ser guardado para ser revivido, reencenado. As artes têxteis exigem exercício contínuo, mas mesmo que a artista ou artesã fique vários anos sem utilizar determinado tipo de técnica, ao revê-la em uma publicação ou em uma amostra, o conhecimento retorna, é acionado e é possível reproduzir sem grande dificuldade.

Interessante notar ainda que, ao contrário da obra da artista Louise Bourgeois (1911-2010)⁴ que bordou guardanapos de linhos de seu enxoval, o tecido utilizado na amostra da minha mãe é um tecido de algodão natural, geralmente reutilizado de sacos utilizados para armazenar farinha. Estes sacos, após a sua utilização para a função à qual se destinava, na sua segunda função, foram bastante utilizados no Brasil para a produção de panos de prato e até mesmo roupas. Foi um tecido barato, mas que resistiu bravamente ao tempo, talvez por ficar sempre guardado junto aos materiais de costura e bordado e não

4 Artista plástica franco-americana muito influente no século 20 e começo do 21 por quebrar a barreira, até então existente, no plano da teoria, entre a vida e a arte. Ela usava suas emoções como matéria-prima da sua obra, percorrendo temas como a sexualidade e a memória. Caracterizado como livro de artista, *Ode ao Esquecimento* exibe uma colagem composta de tecidos e palavras impressas sobre guardanapos de linho do seu enxoval de casamento. É possível saber mais sobre esta obra aqui: <https://www.moma.org/collection/works/98440>

ter sido utilizado no dia a dia, diferente do pano de prato bordado com crochê e renda de agulha que apesar de também estar com o tecido íntegro, apresenta uma mancha que comprova seu uso no dia a dia da casa. Este pano de prato foi agregado ao conjunto já em Pelotas, tendo sido presenteado por uma amiga. Ao questioná-la sobre a história deste item, ela relembra que a sua mãe ganhou de uma amiga do Nordeste, há cerca de 25 anos. Em 2021 a pesquisadora e designer têxtil Vera Felippi, lançou o livro *Decifrando rendas: processos, técnicas e história*⁵, que aborda os processos de produção manual e industrial, técnicas e equipamentos, um material riquíssimo para estudos na área, pois desvenda os aspectos históricos da produção de rendas no Brasil, tema ainda pouco conhecido e estudado pela academia.

A flor de crochê de amarrar na tesoura e as 10 toalhinhas redondas bordadas (3 em ponto cruz com acabamento em crochê e 7 com bordado típico Português) vieram da família da minha sogra, que reside no interior de São Paulo e tem descendência italiana. Ao questioná-la sobre os itens, informou que as toalhinhas com bordado típico Português eram comercializadas por uma tia que na época vendia estes itens, pois eram muito valorizados pelas famílias mais abastadas do interior paulista, e também foram usadas para compor o enxoval de alguma das mulheres da família. Os bordados Portugueses utilizavam o linho puro da Bélgica, o organdi da Suíça ou o Algodão puro de Portugal e eram produzidos à mão pelas bordadeiras da Ilha da Madeira em Portugal.

5 Livro finalista na categoria Economia Criativa do Prêmio Jabuti 2022. É possível acessar a versão online aqui: https://issuu.com/verafelippi/docs/decifrando_rendas_ebook-compacto_verafelippi

Tenho utilizado essas toalhinhas⁶ que guardam as histórias das mulheres, bordadas e crochetedas em casa pela mãe e irmãs de minha sogra a cerca de 70 anos atrás, para pensar o tempo presente. Rever e problematizar este material me auxiliou na construção da minha poética artística através do bordado de frases provocadoras e sensíveis sobre a questão da mulher na sociedade atual. Ressignificar estes artefatos, trazendo-os para a centralidade da discussão feminista foi resultado do processo de investigação e prática artística que se deu a partir dos encontros com grupos de mulheres em oficinas de costura e de bordado durante a Segunda Edição da *Residência Internacional COMUNITARIA, Arte Contemporáneo y Procesos Sociales*, que aconteceu durante o mês de novembro de 2017. Utilizo o bordado para formar uma imagem poética dessa pesquisa e como referência para reflexões sobre a construção e desconstrução de expectativas criadas na sociedade e entre as próprias mulheres sobre arte e gênero.

Como vimos, as artes têxteis guardam em suas publicações, ferramentas e suportes (objetos privilegiados por sua sensibilidade), muitas potencialidades de pesquisa para a criação artística, a transmissão, apropriação e interpretação de saberes e tramas. Conforme Oliveira (2020, p. 84) “por meio do têxtil é possível contar e recontar histórias e fazê-las atravessar os tempos, como um elo entre o passado e o presente”. Os autores Oliveira, Santana e Pessoa (2022) afirmam que as memórias perpassam locais, tempos e sujeitos e nos alocam como turistas de nós mesmos, adentrando um labirinto de

6 Para saber mais sobre esse assunto, é possível acessar o artigo da própria autora: COLEÇÃO DE BORDADOS: CARTOGRAFIA DE UMA RESIDÊNCIA DE ARTE CONTEMPORÂNEA COM MULHERES BORDADEIRAS NO PAMPA ARGENTINO, no Dossiê Temático Os saberes artesanais e a educação. Revista Apotheke/UDESC. v. 8, n. 3, p. 37-53. Florianópolis, SC, dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22844/15083>

fios que nos forçam a percorrer caminhos esquecidos e provocando sentimentos que ressignificam a nossa história pessoal, nossos laços, nossas dores, mas também as culturas e identidades.

PONTO ATRÁS E ALCUMAS POSSÍVEIS CONCLUSÕES

O ponto atrás é um ponto clássico da costura e do bordado, também conhecido como *point de sable*, ele é muito útil para marcar o contorno do bordado de estilo livre, além de ser um excelente ponto para reforçar a costura reta. A partir desta reflexão do ponto atrás é possível para nomear a seção das considerações finais para reforçar a ideia de que as artes têxteis envolvem muito mais do que linhas, agulhas, técnicas e ferramentas, pois são baseadas em conhecimentos transferidos entre gerações, que constroem memórias que mostram o nosso pertencimento à comunidade e à cultura, algo vivo que continua a ser tecido na contemporaneidade, com a revalorização destes produtos, técnicas e ferramentas.

Nesta narrativa acionei memórias e discussões que me mostraram o potencial dos artefatos materiais utilizados pelas mulheres como caminhos para produzir novos conhecimentos e fazer circular saberes que até o século XX eram vistos como artes menores, porque profundamente influenciados pelo espaço de ambiguidades geradas pelas questões culturais, sociais, políticas, estéticas e de gênero. Como previsto por Philippe Artières (1998) e Orest Ranum (1991), ao manipular e analisar esse arquivo pessoal, foi possível não apenas acessar memórias particulares, mas aprofundando na história material dos objetos, foi possível contar uma história mais ampla, relacionada a um tempo e espaço maior, acessível a outras pessoas e profundamente relacionado à história da educação das mulheres.

Apesar do trabalho feminino remeter a um espaço doméstico e domesticado, ele é maior que todas as pressões e escapa às receitas e fitas métricas, pelo contrário, ele se esconde por entre linhas e receitas e nos encontros e diálogos que engendra e está presente em todas as casas. Carvalho (2020) nos auxilia a compreender tais aspectos e mostrar como os objetos, ao superar suas funções puramente estéticas e instrumentais, constituem nossas próprias identidades, marcando os lugares que habitamos e circulamos no mundo. Muitas histórias chegaram nestas trocas, o que comprovou a hipótese de um potencial latente nestes artefatos para recuperar histórias, interrogando o passado para assim construir esse presente onde a pauta feminista ainda se encontra em grande medida marginal na academia de modo em geral, mas também na área de educação.

Importante acrescentar que durante a pandemia de Covid-19 vivenciada há pouco, muitas famílias, ao permanecerem em casa devido ao isolamento, voltaram seus olhos para seus armários e gavetas e decidiram se desfazer de muitas coisas que até então estavam guardadas/silenciadas. Em grande medida, estavam guardados por se tratarem de artefatos ativadores de memória, itens bordados, tecidos ou costurados por familiares que já se foram. Muitas vezes tidos como objetos com pouca importância, investigar esses arquivos é urgente. Conforme afirma Almeida (2021), analisar os acervos relacionados às nossas memórias entendendo sua conservação é uma forma de combater o esquecimento, pois a vida dos sujeitos se dá no entrelaçamento de histórias, entre esquecimentos e recordações (SANTANA; PESSOA, 2022).

Refletir sobre estas questões foi uma forma de manter viva e refletir sobre a história das mulheres que afirmam nossa identidade no presente e no fim das contas mostram quem nós somos e os lugares

que ocupamos enquanto mulheres que costuram, bordam, tecem. A retomada e manutenção desses processos abre um panorama muito amplo e diverso de possibilidades de acesso às histórias dessas mulheres, mas também traz um sentido artístico e performativo que contribui para reconfigurar a vida cotidiana, os afetos e as relações sociais e para contextualizar, analisar e avaliar o papel da arte na criação de novas subjetividades relativas às questões de gênero e mesmo aos sentidos que damos à arte, contribuindo para a expressão estética mas também para gerar formas comunicativas e de reflexão sobre a condição política, contestando hierarquias sociais e estéticas impostas e por muitas vezes estereotipadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Doris Bittencourt. **Percursos de um Arquivo-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9 - 34, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material São Paulo, 1870 - 1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2020.
- COX, Richard. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional - leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- IPHAN. **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).
- OLIVEIRA, N. R. Textualidades têxteis e novas-velhas concepções de memória na Arte Latino-americana. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 249 270, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/21610>. Acesso em: 18 maio. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RAMIL, Chris de Azevedo. A coleção didática Tapete Verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 - Rio Grande do Sul). In: PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (org.). **Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX**. Curitiba: Appris, 2018.

RANUM, Orest. Os refúgios da Intimidade. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

SANTANA, Cássia Cristina Dominguez; PESSOA, Alberto Ricardo. Têxteis, linhas e memórias: tramas ilustradas. **Revista CARTEMA**, Recife, n. 10, p. 31-49, abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/viewFile/251201/40989>. Acesso em: 09 nov. 2022.

À smulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em vias de se apagarem (PERROT¹, 1989, p. 15).

Imagen: Álbum de fotografias



Fonte: Arquivo pessoal de Nicéia Silva Mendes.

¹ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-18, Ago/Set 1989.

Um (Des) Pretensioso Álbum de Fotografias da Infância

Nicéia Silva Mendes*

* Pedagoga pela Universidade Federal de Pelotas, mestrandona referida instituição, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Demanda Social (CAPES – DN), pesquisadora e integrante do Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - Hisales (FaE/ UFPel).

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em arquivo, o que geralmente vem à memória de maneira mais rápida são documentos de uma empresa, como planilhas, relatórios, folhas de pagamento, entre outras papeladas, no entanto, esses são arquivos institucionais, mas também existem os arquivos pessoais, que é justamente o foco deste texto.

Os arquivos pessoais podem conter materialidades diversas e representar uma infinidade de significados para quem arquiva, quando nas mãos e sob os olhos de uma outra pessoa pode já não ter o mesmo sentido ou ter significado algum.

O arquivo pessoal é íntimo, guarda ou releva segredos, pode dizer muito sobre nossa vida e maneira de viver, sobre nossa identidade e mesmo que não explicitamente, indica desejos, sonhos, habilidades, acontecimentos, entre outros fatores e práticas da vida humana.

Portanto, este escrito tem como objetivo analisar fotografias da minha infância que despertam memórias afetivas, assim como averiguar o surgimento do desejo que me levou a arquivá-las em um álbum individual, no qual foram selecionadas fotografias em que estou sozinha e também com a família. Cabe destacar que essa é uma prática já desenvolvida na família por minha mãe.

Neste ínterim, o texto se apresenta da seguinte maneira, primeiramente, abordo questões teóricas sobre a temática e, posteriormente, apresento e descrevo algumas das fotografias. Por fim, concluo que meu desejo por salvaguardar minhas fotografias de infância seguem a mesma lógica da minha mãe, preservar a história da família, assim como revela minha intenção de reafirmar minha identidade, raízes e existência, seja em qual for o lar que eu habitar.

Dessa forma, o suporte metodológico empregado neste texto foi de abordagem autobiográfica, visto que “A pesquisa autobiográfica Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais” não obstante “se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória” (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

E, ainda,

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nessa tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica (ABRAHÃO, 2003, p.80).

Assim, nessa metodologia de pesquisa, é interessante perceber a maneira com que as fontes são analisadas e apresentadas, consequentemente, o que desejamos colocar em evidência, sobretudo, quando escrevemos sobre lembranças particulares que constituem nossa existência.

A PRESENÇA DA FOTOGRAFIA NO ARQUIVO PESSOAL

Os arquivos pessoais são os resultados de práticas, por exemplo, a prática escrita, desde escrever listas de supermercados, receitas, acontecimentos em diários pessoais ou estar relacionada ao gesto de guardar para preservar a memória. Nesse sentido, Cox (2017) afirma que na maioria das vezes as pessoas colecionam porque desejam preservar algo de sua própria vida ou da história de sua família.

Um arquivo pessoal pode ser composto por coleções de canetas, chaveiros, canhotos de passagens ou ingressos, adesivos, papéis de carta, as próprias cartas, diários (uma flor, uma fita, uma embalagem de chocolate em uma página do diário que conta sobre um dia especial), livros, fotografias e o que mais se possa imaginar.

No entanto, esse gesto de guardar é chamado por Artières (1998) de arquivamento do eu, pois todos os dias da nossa vida selecionamos o que será guardado, decidimos por quanto tempo vamos guardar e o que vamos descartar, assim, arquivamos algo que fez ou faz parte da nossa vida e fazemos por algum motivo.

No tocante às fotografias, Lacerda (2013) diz que os arquivos constituem uma das áreas na qual a fotografia se encontra presente, mas são poucos os estudos aprofundados sobre o tema dos documentos fotográficos, mesmo que sejam presentes na maioria dos arquivos públicos, privados, institucionais ou pessoais, por isso, a fotografia não recebe devida atenção na área pelo fato de existir a argumentação de que a documentação textual é mais adequada para se enquadrar na área dos arquivos do que a fotografia, pois são registros da era moderna e contemporânea que consequentemente alteram as formas de produzir e acumular arquivos, que se evidenciou a partir do surgimento dos documentos eletrônicos (LACERDA, 2013).

Contudo, as imagens uma vez produzidas podem integrar diversas espécies ou tipos de documentos, assim como podem ser utilizadas de acordo com objetivos previstos e/ou sob lógica específica, pois a produção e acumulação destes documentos podem ser exercidas no âmbito da vida privada, por razões pessoais (LACERDA, 2013).

No que concerne a razões pessoais, Artières (1998) diz que as práticas de arquivamento revelam uma intenção autobiográfica, pois ao arquivar escolhemos acontecimentos e narrativas, fazemos uma classificação momentânea do que queremos guardar e isso vai determinar o sentido que desejamos dar a nossas vidas.

Essa classificação é considerada momentânea porque ao rever nosso arquivo, com o passar do tempo, podemos incluir informações ou novas materialidades e retirar outras, visto que estamos sempre em constante transformação e o que poderia antes ser significativo pode deixar de ser.

O autor diz ainda que esse arquivar não é feito de qualquer maneira, visto que “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p.11).

Segundo Artières, “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para sua identidade reconhecida”, assim como “[...] Nada pode ser deixado ao acaso, devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano” (ARTIÈRES, 1998, p.14).

Com relação às imagens, podemos afirmar que elas têm diferentes característica dos registros escritos, pois mostram uma cena repleta de possibilidades a serem observadas e interpretadas, portanto, não são autoexplicativas, cabendo a quem se dedica a pesquisar e organizar estes documentos visuais a tarefa de buscar o

contexto funcional e de produção dentro do arquivo como requisito básico para uma recontextualização do documento em situações de pesquisa e de usos mais diversificados (LACERDA, 2013).

Para a autora

[...] fotografias adquirem seu significado a partir do modo como as pessoas com elas envolvidas as compreendem, as usam e, dessa forma, lhes atribuem significados (LACERDA, 2013, p. 63).

Assim, a respeito dos álbuns de fotografia da família, Artières (1998) cita estudo realizado por Anne Marie Garat, que entre os exemplos colocados diz que em nossos álbuns são escolhidas as fotos mais bonitas ou que julgamos significativas.

Nesse sentido, a seguir será abordada a maneira como se constituiu meu álbum de fotografias da infância e as relações afetivas envolvidas neste processo, visto que “a coleção pessoal pode parecer exótica ou frívola, mas sempre revela algum sentido interno mais profundo que se dá à razão de estarmos vivos” (COX, 2017, p. 27).

QUANDO O DESPRETENSIOSO SE REVELA

Meu arquivo pessoal é composto por fotos extremamente significativas, no qual em algumas estou sozinha, mas em algum lugar ou com objetos que me remetem memórias afetivas e, em outras, estou com pessoas especiais, como meus pais, irmã, meus avós maternos e paternos e alguns primos com quem tinha mais contato naquela época. Alguns dos lugares onde as fotos foram tiradas já não são mais como antes e algumas das pessoas já não estão mais em nosso meio.

As fotografias que compõe meu arquivo antes faziam parte de álbuns que ficam em uma gaveta do guarda-roupas da minha mãe, na qual sempre houve um carinho e cuidado especial, tanto que ela sempre exigia quando íamos olhar que deixássemos da maneira que ela havia organizado, sem tirar nenhuma foto do seu devido lugar.

Entre a minha família se tinha a cultura de mostrar os álbuns de fotografia quando recebíamos visita, especialmente quando era uma visita próxima da família e que não víamos há algum tempo. Assim, nessas ocasiões minha mãe mostrava os álbuns com cuidado e atenção para que nenhuma fotografia ficasse fora de sua organização, vigiava se fosse um tesouro (e realmente é).

Dessa forma, convencê-la a me doar algumas das fotos não foi uma tarefa fácil, mas aos poucos obtive sucesso. Então recorri à gaveta de fotos e selecionei aquelas que gostaria de ter em meu próprio álbum.

De certo, não sei dizer de onde surgiu o desejo por elaborar meu próprio álbum de fotografias da infância, mas foi há pouco tempo, cerca de uns três ou quatro anos atrás, no qual ao estar em um relacionamento onde os planos são de morarmos juntos, pensei em levar comigo lembranças da minha infância, com pessoas e lugares especiais que fazem e/ou fizeram parte da minha vida.

Entretanto, de acordo com Cox (2017, p.27) “o impulso de colecionar e preservar é essencialmente pessoal, tanto que a maior parte dos recolhimentos feitos pelos arquivos são inicialmente filtrados pelas mãos de uma única pessoa” e, dessa forma, penso que preservar meus arquivos também é uma das ações humanas.

E, ainda, ao refletir que a guarda das fotografias da família é feita especialmente por minha mãe e que agora tenho o mesmo desejo, destaca-se Thies, ao dizer que: “A guarda da memória familiar é destinada às mulheres, salvo raras exceções” (2021, p. 1).

Nesse sentido, a escolha das fotos diz muito sobre as raízes da minha família, pois meus avós maternos e paternos e seus filhos (as) foram moradores da zona rural do Município de Piratini no Rio Grande do Sul, no qual sem muitas perspectivas de trabalho na localidade atuaram como meeiros, que é quando existe uma parceria entre o dono da terra e o que oferece a mão de obra para o cultivo, contudo, naquele tempo a divisão dos lucros era desigual e o acordo feito de boca, não havendo nenhuma garantia ou direito, o que colocou a família em situação de exploração e vulnerabilidade.

De acordo com Artières (2017, p.14), “no álbum, fazemos figurarem também os nossos antepassados; aí também se trata de comprovar que pertencemos a uma linhagem, que temos raízes”, portanto, o simples gesto de guardar essas fotografias revela algo mais profundo do que as imagens mostram, que não se limita apenas a saber de onde venho, mas também reafirmar.

Assim, a seguir apresento fotografias com meus avós maternos e paternos na figura 1.

Figura 1 - Fotografia com avós maternos e paternos.



Fonte: Arquivo pessoal.

A fotografia colocada a esquerda é com meus avós maternos, no qual me recordo bem do lugar, pois foi onde viveram até o final de suas

vidas, onde chamávamos de “tapera”. Ao lado esquerdo da fotografia ficava um forno à lenha de rua, ao lado direito algumas flores, e atrás de onde fomos fotografados, ficava a horta. A mesa verde existe até os dias atuais, ficou de herança familiar com um dos meus tios. Na época em que foto foi produzida, grande parte da família conseguia se reunir para passar o Natal, ocasião da foto em questão.

É interessante analisar que essa é uma foto pousada, para a qual ficamos sentados e nos preparamos para a foto. Minha tia que aparece mais atrás também faz parte do registro e, ao fundo, está alguém que se esconde para não aparecer, no entanto, as pernas ficaram visíveis abaixo da mesa. Ao fundo da imagem também aparece um arado manual² e na frente um banco de madeira feito por meu avô. São aspectos que nos permitem refletir sobre as atividades rurais da família: o trabalho na lavoura e a escassez financeira de recursos, porém com a abundância dos saberes manuais para construir mobiliários com o que estava disponível no contexto rural, a madeira, para este caso em específico. Na casa, havia ainda outros mobiliários em madeira que foram construídos por meu avô, como mesas rústicas, outros bancos diferentes deste da foto, armários e prateleiras.

Hoje a casa já não existe e o lugar está irreconhecível, pois a terra foi vendida para um grande agricultor de soja da região, no entanto, a terra não era dos meus avós, pois a situação de exploração e vulnerabilidade que foram subjugados foi um impedimento para que tivessem a oportunidade de ter moradia própria.

Há algum tempo fui visitar o lugar onde ficava a casa e tive bastante dificuldade de identificar onde ficavam as coisas que descrevi sobre a imagem, pois tudo havia sido destruído, restavam

1 Tapera é um lugar sem vizinhos próximos ao redor, longe da área urbana e de recursos.

2 Os arados manuais eram feitos com ferro fundido, puxados por cavalos e guiados pelo homem, usado para preparar a terra para o receber o cultivo.

apenas alguns entulhos da casa. Foi bom poder voltar lá, mas sinceramente gostaria de ter visto tudo como era antes, o que hoje só é possível através das fotografias.

A fotografia da direita com meus avós paternos é dentro da casa, especificamente na sala de estar. A casa tem cômodos pequenos sem portas para o isolamento, que é feito apenas com uma cortina de tecido, e uma peculiaridade é que foi toda construída em altura mais baixa do que o padrão, o que pode indicar a necessidade de economizar nos materiais de construção e/ou a pouca habilidade de quem construiu no ramo da construção civil.

Ao fundo da imagem é possível visualizar o calendário anual da Loja Garibaldi, de materiais de construção, que fica localizada na cidade de Piratini, em funcionamento até os dias atuais.

Essa casa ainda hoje existe, mas já passou por algumas reformas, portanto, possui a mesma essência, pois a família zela por preservar o máximo possível as coisas da maneira que meu avô deixou antes de partir.

Ainda sobre a tapera, apresento na figura 2 duas fotos com relevantes significados afetivos. São elas:

Figura 2 - Fotografia com as hortênsias da avó materna e em frente à casa chamada tapera.



Fonte: Arquivo pessoal.

A foto da esquerda que estou ao lado das hortênsias da minha avó materna é especial, pois eram as suas flores preferidas que, por consequência, tenho uma enorme afeição por me fazer lembrar dela cada vez que vejo uma.

Outro ponto a destacar sobre a foto é o Petiço, como carinhosamente chamávamos o cavalo do meu avô. Algumas vezes, quando fazíamos visita, íamos de ônibus, então meu avô nos esperava no ponto do ônibus com o Petiço na charrete, geralmente com algumas compras da venda³ que ele fazia para complementar o rancho⁴, já que estaria recebendo a visita da família. Outro fato é que Petiço foi o primeiro cavalo no qual tive a oportunidade de cavalgar.

Já a foto da direita é na frente da casa, que foi construída pela família, totalmente em madeira. Estou vestindo as botas de borracha do meu avô e um cinto porta facão que ele usava quando saía para trabalhar no campo. Quando eu colocava seu cinto e botas, dizia que iria trabalhar com ele. Acompanha-lo pelo campo em suas atividades e acreditar que eu estava ajudando me era uma grande alegria. Ademais, nessa foto também estão Pochete e Sertão, cachorros que nos acompanharam por bastante tempo.

A seguir, apresento as duas últimas fotos que escolhi do meu arquivo pessoal para apresentar neste texto, uma delas com meus pais no meu primeiro ano de vida e a outra com a minha irmã na tapera dos nossos avós maternos.

³ Venda é como se chama os pequenos comércios locais no Rio Grande do Sul, especialmente na zona rural.

⁴ Rancho pode se usar tanto para se referir a moradias simples da zona rural como para se referir às compras alimentícias do mês, neste caso, usado para se referir à alimentação.

Figura 3 - Fotografia com meus pais e minha irmã.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para compor meu arquivo pessoal não poderia deixar de escolher uma foto do meu primeiro ano de vida junto com meus pais, que são meu alicerce. Essa foto é na casa onde vivemos até hoje. Antes o cômodo em que a foto foi tirada era a sala da casa e hoje é meu quarto. Na foto é possível observar que a decoração do aniversário foi simples, mas muito comum naquela época, composta por refrigerantes e copos descartáveis, junto com um bolo retangular coberto por merengue, torta fria de frango, canudinhos de carne moída com maionese, alguns docinhos de festas e balões coloridos. Havia também uma faixa pendurada acima das nossas cabeças escrito feliz aniversário, que não aparece nessa foto, mas me acompanhou em muitos outros aniversários.

Por fim, mas não menos importante, à direita uma foto com a minha irmã na tapera dos nossos avós maternos. Estamos em frente aos ciprestes da minha avó, que assim como as hortênsias ela também adorava. E, se observarmos, estou com a mesma roupa da foto em que estou com meus avós maternos na figura 1, tirada no Natal. Certamente meus pais prepararam a câmera e o filme para registrar esse dia em família. Saliento que meu arquivo pessoal

não seria completo sem uma foto nossa em um lugar cheio de significados para nós e nossa família.

Cabe destacar que, mesmo com dificuldades econômicas, a fotografia sempre teve relevância para a família, onde se procurava registrar os momentos em que nos reuníamos, pois mais tarde se tornaria um recurso para amenizar as saudades daqueles que partiram e revisitá lugares especiais.

Inclusive, outro fato e curiosidade é que no passado meu pai atuou como fotógrafo de batizados, festas de aniversário, casamentos e outros, como forma de complementar a renda durante um período de sua vida, na qual havia investido em uma câmera analógica da marca Zenit, modelo 12xp, que decerto contribuiu para a constituição dos álbuns de fotografias da família.

Nesse ínterim, essas são algumas das fotografias que compõem meu álbum de infância, o meu arquivo pessoal e a minha história de vida. Neste álbum, existe espaço apenas para a família, pessoas na qual tenho afinidade, respeito, admiração e quero guardar não só momentos especiais que tivemos, mas especialmente elaborar através destes acontecimentos minha autobiografia e, consequentemente, preservar a história da minha família, pois “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p.11).

Sobre a construção de si, posso dizer que a partir da escrita deste texto pude perceber que os motivos que me levaram a guardar as fotografias que considero mais significativas no meu próprio álbum se dão pelo fato de que, ao sair da casa dos meus pais, desejo levar comigo lembranças da minha infância, isto é, parte da minha história que foi compartilhada com pessoas especiais.

Dessa forma, cabe dizer que o despretensioso álbum de fotografias da infância tornou-se pretencioso na medida em que maturei a ideia de que se tratava de uma maneira de reafirmar minha identidade, raízes e existência, em qualquer lar que eu habitar.

CONCLUSÃO

Arquivamo-nos diariamente. Desde as práticas mais simples do arquivamento como guardar vias das compras do supermercado, escrever poemas que demonstram nossos sentimentos, até as fotografias que tiramos de coisas aleatórias.

Quanto às fotografias, vale algumas reflexões. Antes, fazê-las demandava um alto curso para que fossem tiradas, pois era preciso comprar um filme próprio para pôr nas câmeras fotográficas analógicas, torcer para que as pilhas aguentassem o tempo necessário e todas as fotos ficassem boas, pois as fotos só podiam ser vistas depois de serem reveladas e às vezes isso demorava um tempo considerável.

Hoje é possível tirar fotos simultaneamente com um aparelho smartphone e guardá-las em espaços apropriados na internet. Nos dias atuais dificilmente as fotos são impressas, o que pode denunciar o fim das gavetas de fotografias da família.

Cada vez menos serão vistos os álbuns de fotografia da família quando uma visita chegar, pois vivemos em um momento onde as melhores fotos que tiramos vão para as redes sociais e então ficam expostas para que todo mundo possa ver a qualquer momento.

Podemos perceber que a tecnologia tem seus prós e contras, que a guarda das fotografias da minha geração já sofre os impactos da contemporaneidade e que as futuras gerações não saberão o que é a gaveta de fotografias da família, na qual vai bastar apenas

navegar pela internet e pesquisar uma fotografia digitando o mês e ano em que foi tirada.

Contudo, ao concluir este texto é possível dizer que o cuidado da minha mãe com as fotografias tratava-se da preocupação em preservar a história e a identidade da família, além disso, que o surgimento do desejo de organizar um álbum de fotografias da minha infância e guardá-lo na minha própria gaveta segue a mesma lógica.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79 95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- COX, Richard J. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- LACERDA, Aline Lopes. A imagem nos arquivos. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2013.
- THIES, Vania Grim. Uma mala, um arquivo: escritas ordinárias em cadernos de usos não escolares. **Cadernos de História da Educação**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-47>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Ao garimpar materiais nos guardados familiares, verificou-se que ainda restavam, perdidas ou abandonadas, nos galpões da casa localizada na zona rural, caixas empoeiradas e velhas sacolas, com muitos artefatos relacionados ao mundo da escrita e ao contexto escolar. Por algum motivo, foram salvos do fogo e/ou do descarte alguns livros, cadernos de anotações, boletins escolares, convites variados e cartões diversos, que retratam as possíveis relações da família com a cultura escrita (THIES; MONKS¹, 2023, p. 4).

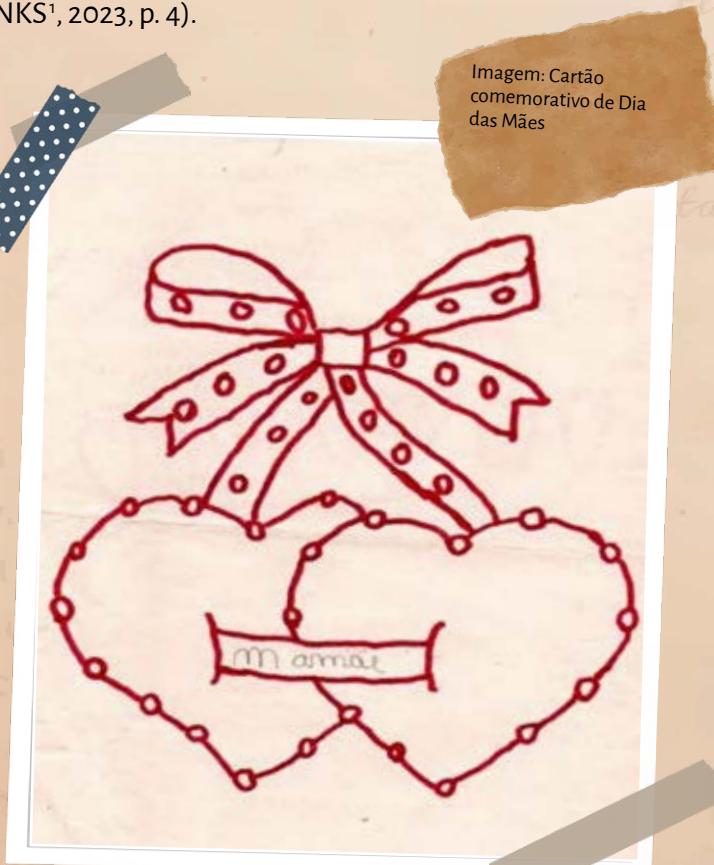


Imagen: Cartão comemorativo de Dia das Mães

Fonte: Arquivo pessoal de Vera Scotto Leite.

¹ THIES, Vania Grim; MONKS, Joseane Cruz. "Querida mamãe, querido papai". **Revista Brasileira de História da Educação**, v.23, n.1, p. e277, 30 jun. 2023.

Abrindo a Caixa: Memórias de Uma Mãe e o Arquivamento de Documentos Pessoais

*Vera Lucia Scotto Leite**

* Bibliotecária; Mestra em Patrimônio Cultural - UFSM; Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

INTRODUÇÃO

ao refletirmos sobre o conceito de arquivos pessoais, na contemporaneidade, percebemos que este se mantém vinculado às acepções da memória, história e identidade, visto que os documentos pessoais são preservados em função dos sentidos que despertam e dos vínculos que mantém com os envolvidos.

De acordo com Oliveira (2012), quando falamos em arquivos pessoais, estes podem ser assim definidos: “Conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social” (OLIVEIRA, 2012, p. 33).

É a partir desse cenário que o texto retrata a experiência vivida no decorrer do curso de doutorado, na disciplina arquivos pessoais: sensibilidades pelos estratos do tempo. Na disciplina foram realizadas leituras que eram pertinentes ao tema dos arquivos, sejam eles pessoais ou profissionais, assim como a utilização de agendas, diários e cartas de cunho pessoal. Na posição de Bacellar (2020, p. 46), “o historiador precisa vencer os obstáculos muitas vezes encontrados ao buscar os papéis que podem ser úteis [...], assim como a falta de informações que atrapalham a busca”.

Procurando entender os mecanismos que levam o ser humano a guardar, preservar e construir através da manutenção de arquivos e registros que permanecem em sua imagem no futuro através do passado, assim como o objetivo de tal fato, este trabalho leva o pesquisador a refletir no cuidado de tais produções, assim como a guarda e a preservação deles.

ABRINDO A CAIXA DE RECORDAÇÕES

A materialidade encontrada nos documentos, fornecem dados de extrema relevância diante da trajetória de vida daquele que constrói seu arquivo, permitindo ao historiador a problematização dos fatos, mediante o cenário encontrado em cada artefato observado, permitindo que eles sejam reconstruídos. De acordo com Pesavento (2014, p. 36), “reconstrução porque, ao reinscrever o tempo vivido no tempo da narrativa, ocorrem todas as variações imaginativas para possibilitar o reconhecimento e a identificação”.

No decorrer do texto é apresentado como é construído o arquivamento de memórias a partir da guarda de documentos pessoais. Mais especificamente, o texto trabalha com a emoção de uma genitora que no decorrer dos anos guardou diversos materiais confeccionados por seus filhos no período escolar. São artefatos que trazem lembranças familiares e permitem que haja interpretação do passado, através de imagens simples e singelas. Segundo Lacerda (2000), “rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social e referenciada pelos significados do imaginário social de um grupo” (LACERDA, 2000, p. 85).

Além disso, a mãe de certo modo criou e organizou seu arquivo pessoal, tendo nele documentos que à sua maneira fortaleceu o elo afetivo no núcleo familiar. São recordações que permitem efetivamente a permanência de informações importantes, e mesmo sem saber o porquê da guarda, a preservação seguiu com os cuidados de quem protege um tesouro.

Os estudos acerca de arquivos, sejam eles pessoais ou profissionais, estão presentes na atualidade, sendo o assunto discutido no ambiente acadêmico, demonstrando a importância na manutenção da memória.

De acordo com Artières (1998), quando falamos em guardar lembranças, pode-se:

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Para dar sequência ao assunto, uma lembrança que remonta a um período agradável tem o poder de permitir posteriormente que ocorra a reconstrução do episódio vivido pela mãe, responsável pela manutenção dos documentos arquivados.

A potência desses documentos, “inestimáveis”, segundo Errante (2000), está na sua capacidade de trazer versões da memória, difíceis, por vezes impossíveis, de serem localizadas em outros documentos.

Ainda pensando em arquivamento de documentos considerados de valor, estes possibilitam que se tenha expectativas de preservação futura por parte dos criadores de tais documentos, isto é, o pensamento de quem cuida é de que seus filhos consigam entender e admirar o gesto que ela certamente teve ao guardar pertences que considerou de valor afetivo para ela.

De Santana (2018) esclarece que:

O conjunto documental pessoal e familiar é organizado e selecionado segundo os critérios estabelecidos pelo próprio produtor, este de forma intencional passa a agrupar os documentos de acordo com os acontecimentos e necessidades que enaltecem sua trajetória de vida e de seus pares. Vale ressaltar que a acumulação de documentos pessoais é válida para qualquer pessoa, não sendo apenas um privilégio para intelectuais do campo artístico e científico (DE SANTANA, 2018, p.15).

O autor argumenta que arquivos pessoais possibilitam experiências ricas, trazendo ao mesmo tempo a construção do conhecimento, a valorização da história registrada nos documentos e as relações entre afetividade e memória. Assim, aquele que possui algo que evoca lembranças justifica-se na busca e na compreensão da materialidade dos objetos arquivados, analisando a prática e o entendimento do porquê se ter uma caixa, um baú, um álbum, um diário, uma simples anotação em uma folha solta, uma carta, um caderno, um boletim, uma fotografia.

O material encontrado e problematizado neste capítulo é composto por diversos artefatos criados pelos três filhos, sendo o conjunto composto por mensagens, cartinhas, bilhetes, lembranças feitas para o Dia dos Pais, o Dia das Mães, Natal e aniversários. Todos foram elaborados no período escolar e tiveram seu início no ano de 1993, quando a primeira filha ingressou na escola e teve sequência como os demais irmãos. A mãe guardou em torno de 20 itens, sendo estes preservados num baú.

Para ilustrar o citado anteriormente, um dos guardados da caixa de recordações está na figura 1.

Figura 1 - Recordação de Natal elaborada na escola.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (s/d).

A imagem traz uma escrita feita pela filha Juliane, representada em um cartão que a mãe guardou durante os anos, sendo um presente, e nele estavam presentes os desejos de um Feliz Natal para os pais, demonstrando o afeto dela através de um simples bilhete, com a intenção de demonstrar o gesto por meio da escrita e da ilustração. Um ato infantil, mas que ficou registrado em um pequeno pedaço de papel.

Para Gomes (1998),

Os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história [...]. Neles, “nossos” atores aparecem de forma fantasticamente “real” e “sem disfarces”. Nós, [...], podemos passar a conhecê-los na “intimidade” de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos (GOMES, 1998, p. 126).

Diante do exposto cabe lembrar que as pesquisadoras e os pesquisadores da área de História da Educação pesquisam em arquivos pessoais ou institucionalizados, buscando os objetos de pesquisa armazenados em caixas, e em momentos diversos ao vasculharem os arquivos podem deparar-se com algo importante, mas que são descobertos apenas depois da análise inicial.

Para Weiduschat e Fischer (2018, p. 3), “no campo da História da Educação, são inúmeras as fontes legitimadas para pesquisas com documentos de diferentes naturezas, sejam escritos, orais ou iconográficos”.

O importante a destacar é que os registros pessoais produzem determinados tipos de compreensão dos sujeitos no processo de afinidade entre o desenvolvimento social e afetivo, e a criação de arquivo possibilita que algo que se apresenta como um simples

hábito venha a adquirir importância, tendo suas especificidades e particularidades.

Segundo Bacellar (2020, p. 24), “o abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas”. A afirmação de Bacellar possibilita refletir que a mãe, mesmo sem entender o real motivo em ter os materiais criados por seus filhos, sabe que o ato de manter arquivado em sua caixa os registros fará aflorar em sua mente, a cada vez que forem olhados e manipulados, a emoção de quando recebeu uma das recordações.

Segundo Santos (2000),

O arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina (SANTOS, 2000, p. 33).

Diante do exposto e como forma de ilustrar o que Santos citou, temos nas figuras 2 e 3 exemplos de guardados encontrados na caixa, os quais remetem a relações de afeto, tanto por parte de quem deu quanto de quem recebeu.

Na figura 2 pode-se perceber que o cartão confeccionado faz parte do Dia das Mães e que o filho Lucas desenhou seu coração como forma de presentear a mãe e que ela manteve o cuidado com a lembrancinha, arquivando-a entre seus pertences.

Figura 2 - Cartão do Dia das Mães.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (s/d).

Para Cox (2017), em relação ao arquivamento podemos afirmar que:

Qualquer pessoa que esteja ocupada em tentar preservar álbuns de recortes ou de fotografias de suas famílias, certidões de nascimento ou casamento de seus avós e velhas cartas e demais documentos já sabe do valor do artefato, entre outros, desses itens. Elas querem manter não só as informações (o que parece ser mais fácil do que realmente é), mas também a sensação tátil, o cheiro e a aparência dos objetos antigos (o que costuma ser ainda mais complicado) (COX, 2017, p. 31).

Figura 3 - Cartão do Dia das Mães.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (s/d).

Na figura 3 a palavra mamãe vem escrita no meio de 02 corações e demonstra que foi bem contornado, o que permite visualizar o cuidado com que foi feito, para ser dado para a mãe.

Importante ressaltar que nenhuma das lembranças apresenta data e nem nome de quem fez o desenho, mas com certeza a mãe traz em suas lembranças de qual dos filhos ela recebeu o artefato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a importância de se manter um arquivo pessoal, ter o conhecimento de que arquivar é bem mais do que apenas guardar algo demonstra que as lembranças, boas ou ruins, pertencem à nossa memória, mas a parte documental é passível de ser recontada através dos vestígios do tempo.

O ato de deixar arquivadas em uma simples caixa documentos, folhas soltas com anotações demonstra a função em relação à criação e organização de tal arquivo, deixando evidente que ele possui valor sentimental, e assim a cada vez que for alvo de alguma busca terá uma visão diferente, um outro ponto de vista, como também será sempre alvo de novos questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A Memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, v.4, n.8, p. 141-174, jul./dez. 2000.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, 1998.

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SANTANA, Renata Lopes de. O arquivo pessoal de José Simeão Leal como fonte de informação e memória. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/13512/10611>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

SANTOS, Z. D. M. M. **Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho**: estudo arquivístico e catálogo informatizado. 2000. 391 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz. Banco de dados em pesquisa qualitativa: uma análise a partir da revista O Pequeno Luterano. **Educ. Pesquisa**. São Paulo, v. 44, 2018. p. 1-21.

POSFÁCIO



MEMÓRIAS GUARDADAS, HISTÓRIAS CONSTRUÍDAS

No armário [baú] de meu quarto esconde de tempo e traça,
meu vestido estampado em fundo preto (...) é só tocá-lo,
volatiza-se a memória guardada. (...). De tempo e traça meu
vestido me guarda (PRADO, 1986, p.114).¹

Caijas e baús abrigam guardados de variados tipos: joias, fotos de família, roupas, impressos, objetos variados e até mesmo escritos íntimos plenos de significados pessoais e afetos, pois registraram acontecimentos que deixaram marcas nas vidas de quem as guardou. A conexão estreita entre baú, caixa, arca (nomes que se aproximam) e recordações/lembranças pode ser entendida como uma metáfora-chave da memória, já que estes recipientes guardam conteúdos preciosos que devem ser protegidos e guardados a *sete chaves*, como algo que não se pode perder e nem deles esquecer, como proclama o dito popular.

Como espólios de tempos passados, os baús, ao lado da proteção que propiciam e das preciosidades que podem ali estar contidas, preservam itens e objetos que compõem o universo do sagrado e do segredo e, assim, marcam cultivo, refúgio e identificação

¹ PRADO, Adélia. O vestido. In: PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

com conteúdos de memória. Em seu interior estão guardadas lembranças que, problematizadas, extrapolam a memória pessoal para se constituírem como narrativas de experiências e vivências e esta perspectiva foi o que moveu este livro.

Vania, a professora organizadora, ofereceu um curso intitulado “Seminário Avançado Arquivos Pessoais: sensibilidades pelos estratos do tempo” e, como resultado, reuniu escritos feitos pelas alunas e nos convida, agora, para uma leitura encantadora a partir dessas escritas. Através desse livro deixa entreaberto um convite generoso a nós, suas leitoras e seus leitores, que podem ativar memórias e construir histórias. Os artigos que compõem o livro mostram lindamente que a pessoa que guarda é também um ser que pensa, seleciona, vive e expressa seus sentimentos que se relacionam ao tempo e ao lugar em que vivem.

Os artigos reunidos não voltam sua atenção para o que é grande em si, para o que é rápido, para o que é prestigioso. Ao contrário, eles procuram olhar para o que é lento, aparentemente ordinário, secreto, quase invisível. São rastros de memórias daqueles que não se contam, em geral, são trajetórias protagonizadas não raro por um coletivo familiar que, mesmo dispondendo de pouca escolaridade formal e de forma praticamente autodidata, organiza-se em torno de guardar momentos significativos. Foi possível compreender que, em meio a um contexto rural, onde a cultura de fotografar e ser fotografado, por exemplo, ainda não havia se estabelecido de todo, pessoas se dedicaram a produzir imagens. Os artigos proclamam memórias dos que ensinaram, dos que bordaram nomes cheios de suspiros, dos que trabalharam, dos que escreveram cartões, dos que preservaram revistas antigas, mas que estavam ausentes do protagonismo. Aqui, imprimiram seus passos de outras maneiras, guardaram memórias em baús, habitaram a cidade, mostraram seus desvãos e seus abrigos e se deram a ver!

Neste livro, insisto, todos os artigos são importantes porque criam possibilidades de compreender os diferentes tipos de pensamentos, necessidades, objetos, itens guardados e até expectativas que são incorporadas/guardadas pelos sujeitos (pelos pessoas) ao longo da vida. Os textos mostram que a memória – que transita entre a subjetividade e o coletivo – dá sentido à História pelos objetos oriundos da familiaridade coletiva.

Como leitora, exercei esta liberdade maior e mais duradora que foi a de me inscrever na escrita dos outros, absorver suas palavras e seus silêncios para, pelo exercício da memória, configurar uma outra história. Foi surpreendente encantar-me com as coleções estudadas, apreender o tempo sem suas traças, permitir que a memória se volatizasse naquilo que está longe de ser um monte de papéis velhos, objetos inúteis e empoeirados que nos guardam.

Baú escondidos, agora descobertos: Um lugar para guardar a memória e aguardar a escrita de vidas em forma de Histórias. Que venham outros cursos e novos livros. Parabéns à equipe, pois, afinal, arquivamos-nos diariamente.

Maria Teresa Santos Cunha, Professora

Florianópolis, agosto de 2023.

Vania Grim Thies

Joseane Cruz Monks

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Beatriz Hellwig Neunfeld

Patrícia Weiduschadt

Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski

Nicéia Silva Mendes

Vera Lucia Scotto Leite



Faculdade de
Educação



FaE/UFPel
MESTRADO
DOUTORADO



hisales
HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO, LEITURA,
ESCRITA E DOS LIVROS ESCOLARES